

Senador
JOÃO CALMON

MARCO MACIEL:

consagração na Academia e no Senado

SENADOR JOÃO CALMON

MARCO MACIEL:
Consagração na Academia e no Senado

*Discurso proferido pelo Senador
João Calmon, na sessão do Sena-
do Federal, de 13-08-92.*

BRASÍLIA — 1992

SUMÁRIO

	Pág.
Aparteantes:	
Senador Coutinho Jorge	8
Senador Pedro Simon	9
Senador Élcio Álvares	12
Senador Esperidião Amin	14
Senador Josaphat Marinho	15
Senador Fernando Henrique Cardoso	15
Senador Humberto Lucena	16
Senador Francisco Rollemberg	17
Senador Magno Bacelar	19
Senador Nelson Carneiro	19
Senador Garibaldi Alves Filho	20
Senador Jutahy Magalhães	20
Senador Marco Maciel	21
Senador Hugo Napoleão	22
Senador Antônio Mariz	23
Senador Maurício Corrêa	24
Senador Jonas Pinheiro	25
Senador Aureo Mello	25
Senador Darcy Ribeiro	26
Senador Meira Filho	27
Senador Cid Sabóia de Carvalho	27
Senador Júlio Campos	30
Senador Mauro Benevides	31
Senador Albano Franco	32
Senador Ronaldo Aragão	33
Senador César Dias	33
Senador Ney Maranhão	34
Senador Marco Maciel	34
Senador Beni Veras.....	35
Senador Marco Maciel	36
Discurso de posse do Acadêmico Marco Maciel, na Academia Pernambucana de Letras, 27-7-92	37
Discurso do Acadêmico Luiz de Magalhães Melo, Presidente da Academia Pernambucana de Letras	51
Discurso de saudação do Acadêmico Marcos Vilaça	57
Discurso do Governador Joaquim Francisco, do Estado de Pernambuco	79

O SR. JOÃO CALMON (PMDB — ES. Pronuncia o seguinte discurso.)
— Sr. Presidente, Srs. Senadores, há poucas semanas, no dia 27 de julho, tive o privilégio de assistir na Academia Pernambucana de Letras à posse do seu mais novo imortal, o eminente Senador Marco Maciel.

Não se tratava de uma reunião de interesse meramente literário. Foi um acontecimento de extraordinária significação, que atraiu à Academia Pernambucana de Letras cerca de mil pessoas. Foi, realmente, a consagração literária de um dos mais notáveis homens públicos do nosso País.

Conheço o Senador Marco Maciel há muitas décadas, desde que tive o privilégio de dirigir os **Diários Associados** de Pernambuco e de outros Estados do Nordeste.

Ao longo destes anos, apreciei com crescente admiração a sua trajetória fulgurante. Marco Maciel percorreu todas as etapas da vida de um homem público, sempre com a preocupação absorvente de ser fiel a sua consciência e de prestar serviços ao seu município, ao seu Estado e ao seu País.

Anos depois, em 1962, eu também recebi uma convocação do povo do meu Estado para disputar uma eleição para a Câmara dos Deputados. No Congresso Nacional fui companheiro de Marco Maciel, ficando profundamente convencido de que se trata de um dos nossos homens públicos mais admiráveis.

Em relação a Marco Maciel, creio que há unanimidade no julgamento das suas extraordinárias qualidades.

Formado em Direito pela Universidade Federal de Pernambuco, em 1963, já no ano seguinte tornava-se secretário-assistente e assessor especial do Governador Paulo Guerra, elegendose deputado estadual em 1966. Nesse período de Assembléia Legislativa foi Líder do Governo e Secretário-Geral do Diretório Regional da Arena. Chegou em 1970 à Câmara Federal, onde desempenhou com brilho dois mandatos consecutivos e alcançou a Presidência da Casa no biênio 1977 — 1979.

A essa altura Marco Maciel já participava das mais importantes decisões. A ninguém surpreendeu sua ascensão ao Governo de Pernambuco em 1979, tendo realizado tão eficiente administração que, em 1982, seus conterrâneos consagraram-no com uma sensacional eleição para o Senado, reconduzindo-o oito anos depois. A essa altura ele já fora lançado candidato a Presidente da República, tornara-se um dos Líderes do movimento que culminou com a eleição de Tancredo Neves e José Sarney, presidira o recém-criado PFL e ocupara sucessivamente o Ministério da Educação e a Chefia do Gabinete Civil da Presidência da República.

Publicou 23 trabalhos, versando sobre questões diferentes a ponto de revelar a cultura multifacetada de seu autor, mas centrados em algumas preocupações fundamentais. As principais delas são o desenvolvimento do Nordeste, a modernização do Brasil, a atualização dos conceitos ligados ao liberalismo. Trouxe assim a seu País uma contribuição de grande importância, reconhecida pela Academia Pernambucana de Letras ao fazê-lo um de seus membros.

Uma frase do antológico discurso do acadêmico e Ministro Marcos Vilaça, ao recebê-lo na Academia Pernambucana de Letras, resume bem a visão que se tem do Senador Marco Maciel. Dizia Vilaça: “A Marco Maciel, como intelectual, foi reservado o esplendor da ação, de uma maneira muito natural, que teve sempre o aval dos conterrâneos”.

Citando Bergson, afirmava mais o acadêmico Marcos Vilaça: “Intelectual na política realiza-se em homem completo aliando o pensamento à ação”. É precisamente o que tem marcado a vida de Marco Maciel, figura de **élan** antes de mais nada político, mas detentor de grande bagagem cultural, capaz de associar essa **praxis** política a um ideário que seus pronunciamentos e especialmente seus livros nos revelam. Esse ideário Marco Maciel vem aprofundando ao longo dos tempos, de forma paralela à sua ação política, embora a ela indissolivelmente ligada.

Detenho-me particularmente em um de seus mais importantes textos, **Educação e Liberalismo**, que constitui tanto uma formulação moderna dos verdadeiros problemas educacionais com que convivemos hoje quanto uma reavaliação do liberalismo. Nele, diz Marco Maciel que “a educação é uma verdadeira interiorização da razão”, uma vez que “nela se conjugam admiravelmente os valores da tradição e do progresso, visto que por ser capaz de receber a herança de seus antepassados, de compreendê-la e assimilá-la, é que o homem se capacita a melhorá-la e a desenvolvê-la”.

O Ministério da Educação carrega o pesado ônus da alta rotatividade de seus titulares. Desde a década de 70 a média de permanência dos ministros se revela inferior a um ano e meio. Infelizmente foi também o que ocorreu com Marco Maciel, que não chegou a completar sequer um ano de gestão e foi chamado a desempenhar nova missão dentro do mesmo Governo. Embora seus sucessores fossem Parlamentares de extrema competência e inegável visão, quero crer que o Senador Marco Maciel teria ainda imensa contribuição a dar a essa área tão esquecida pela sociedade brasileira.

Com efeito, como ministro da Educação, Marco Maciel apenas trouxe essa extraordinária contribuição contida em **Educação e Liberalismo** como, uma vez mais, pautou-se por uma intensa atividade que gerou frutos incomparáveis. Sua gestão abriu novos caminhos, deu ao ensino do País uma feição diferente, o que aliás não seria de se surpreender quando o ministro já fora Presidente da União dos Estudantes de Pernambuco e do Diretório Central dos Estudantes, professor universitário — na Universidade Católica de Pernambuco, de onde presentemente se encontra licenciado — e titular de tantos cargos públicos. Nessa gestão, Marco Maciel plantou para o futuro. Como

bem lembrou o presidente da Academia Pernambucana de Letras, essa grande figura de homem público que é Luiz Magalhães Melo, Marco Maciel conseguiu atender a uma expectativa frustrada por mais de 15 anos, dando execução à emenda constitucional que garantiu à educação brasileira o mínimo de 13% da receita federal de impostos e, no caso dos estados e municípios, o mínimo de 25% de sua própria receita de impostos mais as transferências.

Essa determinação, escamoteada na Constituição de 1967, fora restabelecida, após anos de luta, pelo Congresso Nacional em 1983, mas vira-se bloqueada pela insensibilidade de tecnocracia durante mais um longo período. Foi o empenho de Marco Maciel, aliado a uma habilidade política que ninguém lhe negaria, quem conseguiu quebrar esse círculo de ferro e assegurar à educação brasileira os recursos de que necessita para desenvolver-se.

Bastaria essa realização para justificar a presença de um ministro. Marco Maciel foi muito além disso. Soube aparar arestas, enfrentando uma conjuntura politicamente explosiva, como se veria mais tarde. Soube abrir caminhos, em áreas como a pesquisa educacional, o ensino técnico, a universidade. Soube dar a necessária prioridade à educação básica. Conferiu especial atenção à cultura, embora não mais vinculada administrativamente ao Ministério da Educação, mas sempre uma preocupação intensa no homem público Marco Antônio de Oliveira Maciel.

Os brilhantes pronunciamentos dos Acadêmicos Luiz de Magalhães Melo e Marcos Vilaça, que incorporo a este discurso, dão a medida exata do reconhecimento a Marco Maciel por esse trabalho. Eles traduzem uma admiração que não é apenas da Academia, dos intelectuais pernambucanos, do Estado de Pernambuco, mas sem dúvida de todos os brasileiros.

Marco Antônio Maciel tem algumas características tão raras que me sinto obrigado a focalizá-las. Ao longo dessas décadas de atuação, nunca vi um político mais preocupado em cumprir compromissos, inclusive de horário. S. Ex^a está sempre atento, sempre solícito. Deu alguns exemplos, que considero inesquecíveis.

Certa vez, telefonei ao então Ministro da Educação, Marco Maciel, e não tive possibilidade de lhe falar imediatamente, porque S. Ex^a estava ausente do Ministério. Em seguida, viajei para o Espírito Santo. Quando me encontrava num modesto município do interior, num palanque, participando de um comício, recebi o recado de que o Ministro da Educação, Marco Maciel, desejava falar comigo com a maior urgência. S. Ex^a estava dando o retorno da chamada telefônica que eu lhe fizera para o Ministério da Educação.

Este episódio pode parecer de pouca importância, mas, para mim, se reveste de singular significação, porque a falta de educação neste País não é comum apenas no meio do povo, ela também existe em vários setores da área política — ministros que não atendem aos telefonemas, ministros que, estando presentes, mandam dizer que não se encontram disponíveis naquele momento.

Marco Maciel nunca deixou de responder a um telefonema e de agradecer a uma referência que lhe tivesse sido feita num discurso ou num artigo de jornal. Essa impecável conduta do Senador Marco Maciel merece ser destacada.

O Sr. Coutinho Jorge — Permite-me V. Ex^a um aparte?

O SR. JOÃO CALMON — Com o maior prazer, nobre Senador Coutinho Jorge.

O Sr. Coutinho Jorge — Nobre Senador João Calmon, quero associar-me às homenagens que V. Ex^a presta ao nobre Senador Marco Maciel que foi agraciado com a imortalidade pela Academia Pernambucana de Letras. Acredito que sintetizou um prêmio a esse respeitado homem público, a esse estudioso que é Marco Maciel. Concordo com V. Ex^a, quando diz que o Brasil conhece hoje um grande homem público, que foi um grande Deputado, um excelente Governador, Senador várias vezes e Ministro da Educação. Concordo com V. Ex^a, Senador João Calmon. Quando o Senador Marco Maciel era Ministro da Educação, também tive o privilégio, nessa altura, de ser Secretário de Educação no meu Estado. Posso, assim, confirmar suas palavras, no sentido de que o Ministro da Educação Marco Maciel era um ministro de tempo integral, dedicado, competente, que muitas vezes despachava à meia-noite ou à uma hora da manhã, para atender rigorosamente aos compromissos que S. Ex^a assumia não só com a classe política, como os secretários de Estado, como também com aqueles que tentavam resolver os problemas graves da educação brasileira. Por isso, sem querer empanar o brilho do seu pronunciamento, associo-me, mais uma vez, às suas colocações, parabenizando esse companheiro, brilhante político que aprendemos a admirar e que tem uma das responsabilidades mais difíceis neste Congresso: ser Líder do Governo, sobretudo nos momentos difíceis por que passa este País. Ontem, numa discussão a respeito de política fiscal, mostrávamos a inviabilidade, a dificuldade de se tentar mudar essa política fiscal, necessitando-se de uma estratégia de discussão, algo que o Governo trouxesse ao Parlamento de forma mais clara, e não aqueles subsídios que não dizem muita coisa. O próprio Senador Marco Maciel, preocupado com a situação brasileira, tentando minimizar as dificuldades do Governo, propunha aos coordenadores dessa reunião, àqueles que propõem a política fiscal, que tentassem, dada a situação difícil em que se encontra o Brasil, discutir aspectos mais prioritários, definir um elenco de prioridades, e não utilizar panacéias para resolver os problemas brasileiros com uma política abrangente e fora da nossa realidade. S. Ex^a mesmo, como Líder do Governo, faz essas críticas e reconhece a situação difícil em que nos encontramos, mostrando, assim, com toda a sua base, experiência e vivência política, a grande dificuldade que, muitas vezes, enfrenta para defender um governo que está passando por uma séria crise, que está deixando o Brasil realmente atônito. Isso, Senador Marco Maciel, por um

ângulo, lhe engrandece. S. Ex^a tem demonstrado determinação, denodo, empenho naquilo que faz, e faz muito bem. Foi um grande Governador, Deputado, Senador e um grande Ministro. Inequivocamente, o Governo Federal, apesar dos seus desmandos e equívocos, deve muito a S. Ex^a pela luta que trava na defesa de um governo com graves problemas no seu conjunto. Por isso, parabênzo o nobre Senador João Calmon, esse grande Líder da educação brasileira, pelas bem conduzidas considerações que fez. Parabênzo, mais uma vez, o nobre Senador Marco Maciel pelo galardão de ser mais um imortal da Academia Pernambucana de Letras. Acredito que tenha sido um prêmio que S. Ex^a recebeu, mais uma vez, pelo seu trabalho em favor do povo pernambucano e do povo brasileiro. Parabéns ao nosso Senador que teve a iniciativa da homenagem e parabéns ao nosso companheiro e amigo Senador Marco Maciel.

O SR. JOÃO CALMON — Eminente Senador Coutinho Jorge, agradeço a V. Ex^a pelo seu aparte, que muito me honra e que reflete o grau de admiração que esse notável representante do Estado do Pará na Câmara Alta nutre pela figura ímpar do nobre Senador Marco Maciel. Isto confirma que o meu pronunciamento, na tarde de hoje, tem características suprapartidárias. O fato de o nobre Senador Marco Maciel ser Líder do PFL e Líder do Governo nesta Casa nada tem a ver com as suas invejáveis qualidades. S. Ex^a é um modelar homem público, tem uma conduta impecável e conduz todos os debates de que participa sempre com um alto grau de polidez, marcando seus pronunciamentos com sua característica de homem público, dotado de cultura elevada que tem uma invejável obra literária.

O Sr. Pedro Simon — Permite-me V. Ex^a um aparte, nobre Senador?

O SR. JOÃO CALMON — Com muito prazer, nobre Senador Pedro Simon.

O Sr. Pedro Simon — Nobre Senador, felicito, também, V. Ex^a pela oportunidade do pronunciamento que faz neste momento. Indiscutivelmente, esta é uma data muito grata para todos nós, quando V. Ex^a traz ao nosso conhecimento, pedindo nossa solidariedade a um voto de louvor desta Casa, a manifestação da Academia Pernambucana de Letras, que elegeu, como um dos seus imortais, o nobre Senador Marco Maciel. Essa escolha somou muito para a Academia Pernambucana de Letras; foi algo realmente de concreto, que merece o respeito de todos nós. Marco Maciel é uma pessoa que aprendemos a admirar e a respeitar pela sua integridade, pela sua seriedade, pela sua luta e pela sua competência. Diz muito bem V. Ex^a: os pronunciamentos do Senador Marco Maciel, não apenas os escritos, mas também os de improviso, são peças que merecem ser lidas com carinho e merecem ser transcritas, justificando, assim, a sua presença na Academia Pernambucana de Letras. Como Deputado, como Presidente da Câmara dos Deputados, como Senador da República, como Ministro da Educação, como Chefe da

Casa Civil, como Líder do Governo, Marco Maciel é uma pessoa de quem se pode discordar, mas, que se tem de respeitar pelo seu trabalho e competência. Tive a oportunidade de acompanhar Marco Maciel numa das horas mais importantes da História deste País, que foi exatamente quando, num esforço muito grande, se criou a Nova República. S. Ex^a, juntamente com o Presidente Sarney e o Vice-Presidente Aureliano Chaves, tiveram a coragem de assumir essa luta, de enfrentar esse desafio e partir para aquilo que depois se transformou numa vitória, inclusive nos números, mas, que no começo, era uma interrogação de conseqüências até imprevisíveis. Dali resultou que saímos do regime militar, do regime de arbítrio, e entramos no regime democrático pela forma pacífica, numa transição que, graças a Deus, e para surpresa de muitos, se deu sem violência, sem derramamento de sangue, mas unicamente pela inteligência e competência de um grupo de homens. S. Ex^a e eu fomos indicados pelo Presidente Tancredo Neves e depois continuamos com o Presidente Sarney. Assim, integrando o Governo Sarney, pude acompanhar o trabalho e testemunhar a garra de S. Ex^a no Ministério da Educação. Fui uma das pessoas que, à época, divergiram pessoalmente do Presidente Sarney, quando Sua Excelência o levou para a Chefia da Casa Civil. Achávamos que S. Ex^a deveria ter ficado no Ministério da Educação e continuando o trabalho que vinha desenvolvendo, que era um trabalho de primeira grandeza. Tenho ouvido muitas referências ao Senador Marco Maciel; S. Ex^a é uma pessoa que tem muitas qualidades, mas também tem seus defeitos. Tem um grave, do qual acredito que dificilmente irá se curar, que é o de ser presidencialista. Com isso, S. Ex^a violenta a sua personalidade e a sua maneira de ser. Quem olha o seu estilo elegante de fazer política, porque é um diplomata por excelência; quem ouve os seus pronunciamentos, quem ouve a sua maneira de dialogar, conclui que S. Ex^a tem tudo para ser um presidente, um primeiro-ministro, um parlamentar do regime parlamentarista. S. Ex^a, quando fala, pela sua maneira de fazê-lo, transmite muito carinho. Quando S. Ex^a, porém, defende o presidencialismo, a mim não convence, porque a defesa do presidencialismo não combina com a sua presença e o seu estilo. São completamente antagônicos. Mas ninguém é perfeito neste mundo. Afora isso, S. Ex^a tem, repito, grandes qualidades. Tenho conversado com praticamente todos os grandes adversários políticos de S. Ex^a em Pernambuco, pessoas com quem vivo; todos reconhecem as suas qualidades, a sua integridade, o seu espírito público. Pode-se divergir de S. Ex^a, mas deve-se respeitá-lo. Que bom que política seja feita assim, com pessoas que têm condições de estabelecer pontos, de travar diálogos e de conviver bem. São pessoas que consideram muito importante mantermos os laços e que entendam que o Brasil é mais importante do que nós, que a nossa garra, a nossa vontade de avançar, de progredir e de desenvolver é muito mais importante do que os nossos interesses pessoais. Por isso, felicito V. Ex^a, nobre Senador João Calmon. Dificilmente alguém fala pela unanimidade da Casa; mas V. Ex^a o faz neste momento, ao trazer suas felicitações, que também são nossas e de toda a sociedade, ao ilustre

Líder Marco Maciel pela justiça da escolha de seu nome para membro da Academia Pernambucana de Letras. Meus cumprimentos a V. Exª, nobre Senador João Calmon.

O SR. JOÃO CALMON — Nobre Senador Pedro Simon, transmito a V. Exª a minha gratidão por suas palavras tão generosas. V. Exª declarou que o Brasil é muito mais importante do que qualquer um de nós. Esta sessão representa uma consagração desse extraordinário homem público, embora nossas posições partidárias sejam diferentes.

Eu gostaria de citar mais um episódio que me comoveu de maneira inesquecível. Acabava de ser aprovada a emenda que vincula um percentual mínimo da receita de impostos para a manutenção e desenvolvimento do ensino. Marco Maciel havia assumido, no dia anterior, a Pasta da Educação. Telefonei a S. Exª, pedindo-lhe que fosse marcada uma audiência, porque eu desejava trocar idéias sobre a aplicação daquele dispositivo constitucional. A reação de Marco Maciel refletiu sua conduta elegante, uma das marcas de sua personalidade. S. Exª me disse: “O Senhor não vai ao meu gabinete para conversar comigo sobre esse assunto. Como Ministro da Educação, tenho o dever de ir ao seu apartamento para trocar idéias sobre a iniciativa da vinculação de um percentual mínimo dos orçamentos públicos para a educação”. Realmente, S. Exª foi ao meu apartamento, e, durante mais de uma hora, trocamos idéias sobre a importância do restabelecimento de uma vinculação mínima dos impostos para a educação. S. Exª, entretanto, não se limitou a esse gesto. Ministro da Educação, S. Exª deixava o seu gabinete dias depois, para se empenhar de corpo e alma, no plenário da Câmara dos Deputados, procurando agilizar a regulamentação dessa emenda constitucional, que poderia arrastar-se ainda por muito tempo. E nós enfrentávamos — nós que somos obcecados pela causa da educação — um inimigo poderoso, que era o ministro que atuava na área da economia e que tinha demonstrado concretamente, por mais de uma vez, ser contrário a qualquer vinculação de um percentual da receita pública para a educação. Por sinal, esses tecnocratas, frios, egoístas e insensíveis, são contra a vinculação de qualquer percentual do orçamento público para qualquer finalidade. Eles querem ter ampla liberdade de utilizar as verbas de acordo com os seus critérios nem sempre impecáveis. Marco Maciel foi um fator realmente importante para agilizar a tramitação da regulamentação. Foi graças a S. Exª que começou a ser cumprido esse dispositivo constitucional.

Eu não poderia, portanto, deixar de registrar este depoimento, nesta hora em que S. Exª se transforma em imortal da Academia de Letras — por enquanto em Pernambuco, mas esperamos que, mais tarde, a Academia Brasileira de Letras também lhe faça justiça — para que ele conste dos Anais do Congresso Nacional.

O Sr. Elcio Alvares — Permite-me V. Exª um aparte, Senador João Calmon?

O SR. JOÃO CALMON — Com muito prazer, nobre Senador Elcio Alvares.

O Sr. Elcio Alvares — No momento em que V. Exª realiza esse discurso, já enriquecido por apartes preciosos, exaltando a conduta de homem público, e agora de intelectual, do Senador Marco Maciel, sinto que é do meu dever, pela amizade de longa data e pela admiração crescente que nutro por S. Exª, trazer também à colação o meu depoimento pessoal. O Senador Pedro Simon, que, às vezes, é muito cáustico nos seus discursos, teve a oportunidade de retratar, melhor do que ninguém, aquilo que é efetivamente a personalidade de Marco Maciel. Marco Maciel — eu diria — nasceu para viver o Parlamento 24 horas por dia. A sua postura no relacionamento com as pessoas, no trato da coisa pública, tem uma singularidade invulgar. É, na verdade, um homem talhado para exercer os misteres do Parlamento. E, nesse dia a dia, que o consagrou no respeito dos seus Companheiros, é acima de tudo, um homem de uma educação exemplar. Conheci Marco Maciel nos idos de 1970, quando aqui chegamos, como representantes do povo, à Câmara dos Deputados. Senti, logo no primeiro momento, que Marco Maciel era uma vocação irresistível para a vida pública, em termos de cultivar as coisas do pensamento. Seus pronunciamentos, projetos e intervenções deixavam sempre, em todos os debates, a fímbria de seus conhecimentos, de sua erudição, enfim, de tudo aquilo que engrandecia o seu espírito. Hoje, Marco Maciel está recebendo, da parte de V. Exª, uma homenagem que considero justíssima e, até certo ponto, suspeita, porque o Senador João Calmon é, na verdade, um homem inteiramente dedicado à educação, cujas falas neste sentido já se tornaram até monocórdias. João Calmon, hoje, abjurou praticamente todo e qualquer tema que não seja o da educação. Certamente seus contatos com Marco Maciel, quando, num dos momentos importantes da sua vida, este desempenhou a função de Ministro da Educação, trouxeram-lhe uma admiração, que afora se externa através das suas palavras. Talvez resida aí — quero destacar — o brilhantismo intelectual de Marco Maciel. Em qualquer setor em que ingresse, principalmente no tratamento da coisa pública, S. Exª tem uma atuação que chama a atenção pela sua singularidade. Comentávamos há pouco, aqui, que não bastasse esse lado tão importante do brilho intelectual de Marco Maciel, ele é, ainda, uma usina permanente de trabalho. Não sabe fazer outra coisa senão trabalhar, e trabalhar com dedicação e seriedade, dando a todos nós motivo para admirá-lo de forma crescente. Gostaria de fazer uma colocação que considero também muito importante: Marco Maciel já exerceu todas as funções que um homem público pode almejar — só não foi ainda Presidente da República; e em todos os momentos da sua vida existem somente palavras exaltando a sua probidade e honestidade. Com efeito, Marco Maciel é um homem honesto, um homem puro no exercício

da coisa pública. Recordo-me do que ouvi de um dos mais ilustres pernambucanos com quem já convivi, João Pereira dos Santos. Ele disse, certa feita, que Marco Maciel é um exemplo para qualquer político brasileiro, pela sua vida inteiramente dedicada à coisa pública, com retidão, dignidade e, acima de tudo — torno a frisar — pela probidade que colocava nos seus gestos. Tenho um orgulho muito grande de Marco Maciel. Fomos companheiros, desde os primeiros momentos nesta Casa do Congresso. Hoje exerço a Vice-Liderança do PFL em, homenagem a esta amizade, porque, em nenhum momento — torno a repetir — Marco Maciel desmereceu esta minha confiança. Às vezes, como disse muito bem o Senador Pedro Simon, podemos até divergir das idéias de Marco Maciel, mas não podemos deixar de exaltar a forma pela qual ele coloca o seu pensamento. Aqui nesta Casa, de maioria esmagadoramente parlamentarista, a palavra de Marco Maciel ecoa com respeito de sempre, quando desenvolve a tese presidencialista. Neste momento, Senador João Calmon, V. Ex^a, que é tão primoroso na avaliação dos gestos dos homens públicos, e que tem um cabedal precioso de conhecimento para externar opiniões, rende uma homenagem à qual todos nos associamos, para dizer, publicamente, que o ingresso de Marco Maciel na Academia Pernambucana de Letras já é o reconhecimento do seu Estado, ao que ele empresta a fulgência da sua inteligência. Não tenho dúvida do cabedal cultural que, com modéstia, ostenta. Os caminhos do Senador Marco Maciel são imensos, são largos; são caminhos sempre postos em favor do futuro. Não será surpresa para nós se, ao lado desse seu conterrâneo, também figura de intelectual exemplar, o Ministro Marcos Vilaça, tivermos oportunidade de saudar, mais adiante, o ingresso de Marco Maciel na Academia Brasileira de Letras, porque Marco é sempre um elemento na busca incessante do aprimoramento das suas grandes virtudes de espírito e, muito mais ainda, da sua intelectualidade. Não quero me alongar mais, e agradeço de coração, a oportunidade do seu discurso. Tenho certeza de que as suas palavras interpretam o pensamento unânime desta Casa.

O SR. JOÃO CALMON — Nobre Senador Elcio Alvares, agradeço as facetas da fascinante personalidade do Senador Marco Maciel, o seu amor inexcedível ao trabalho.

Eu contaria rapidamente um episódio que ocorreu quando Marco Maciel foi Ministro da Educação. Um político, correligionário de Pernambuco pediu-lhe uma audiência, com o que o Ministro Marco Maciel imediatamente marcou para as duas horas. Às 14 horas, o pernambucano compareceu à ante-sala, três horas e meia, e não foi chamado. Aproximou-se da secretária e lhe fez uma indagação óbvia: “O Ministro Marco Maciel, que é um homem tão pontual, tão cioso dos seus compromissos de horário, marcou encontro comigo aqui para as 2h; são quase 4h, e ele ainda não me recebeu”. A secretária consultou a agenda e lhe deu imediatamente o esclarecimento:

“O Ministro Marco Maciel marcou realmente a audiência para as duas horas, mas da madrugada, e não para duas horas da tarde”.

Ele, realmente, é não apenas um fanático pelo trabalho, mas também muito pontual. Dentre todas as virtudes que estão sendo exaltadas neste momento, há essa da pontualidade e do respeito a compromissos não apenas de horário, mas o compromisso de toda natureza.

O Sr. Esperidião Amin — Permite-me V. Exª um aparte, nobre Senador?

O SR. JOÃO CALMON — Com muito prazer, nobre Senador Esperidião Amin.

O Sr. Esperidião Amin — Quero me associar, Senador João Calmon, à manifestação de V. Exª e às manifestações justas que aqui temos ouvido da parte tanto de correligionários e amigos quanto de adversários. Quero me incluir entre os que se orgulham não apenas por esse incidente na vida do Senador Marco Maciel — e que é motivo da oração de V. Exª e das nossas intervenções — que foi a sua admissão aos quadros da Academia Pernambucana de Letras, mas também por tudo que a antecede e por tudo que desejamos venha a sucedê-la. Tudo isso nos faz orgulhoso dessa amizade. Quero deixar consignado que, no bom sentido da palavra, esse episódio da audiência com o correligionário pernambucano faz com que o Senador Marco Maciel mereça, mais ainda, o laurel de intelectual. Os intelectuais, geralmente — pelo menos a *belle époque* assim registrava — eram boêmios. O que o Senador Marco Maciel conseguiu fazer foi perverter um pouco a boemia, fazendo-a em nome do trabalho. Foi a boemia do trabalho que V. Exª aqui registrou. O Senador Elcio Alvares aplicou a S. Exª a expressão “usina de trabalho”. Esta é, sem dúvida alguma, uma das marcas adicionais que fazem o Senador Marco Maciel merecedor do respeito que aqui lhe está sendo patenteado. Meus cumprimentos a V. Exª, nobre Senador João Calmon.

O SR. JOÃO CALMON — Muito obrigado a V. Exª, Senador Esperidião Amin. Tive oportunidade, numa sessão recente da Comissão Parlamentar de Inquérito sobre evasão fiscal, de destacar que V. Exª é a própria imagem daquele retrato ideal de um político, que vi pintado, certa vez, numa academia política na então República Federal da Alemanha: “O primeiro dever de um homem público é ficar em paz com a sua consciência; o segundo dever é defender os interesses do seu País; o terceiro dever é seguir as diretrizes do seu Partido”.

Naquele momento, destaquei que o Senador Esperidião Amin encarnou o respeito a essas prioridades, a essa escala de deveres, quando indicou, para representar o seu Partido na CPI do PC, um eminente colega nosso, o Senador Bisol, que pertence a outra agremiação.

Agradeço a V. Exª pela generosidade do seu aparte. Não me estendi muito na resposta ao aparte, que também muito me honrou, do Senador

Elcio Alvares, porque S. Ex^a é altamente suspeito, por ser eminente Senador do Espírito Santo.

O Sr. Josaphat Marinho — Permite-me V. Ex^a um aparte ?

O SR. JOÃO CALMON — Ouço o nobre Senador Josaphat Marinho.

O Sr. Josaphat Marinho— Nobre Senador João Calmon, permita que me declare integralmente solidário com as palavras de V. Ex^a e com as de seus ilustres aparteantes, no que dizem respeito às virtudes de caráter, de inteligência e de trabalho de Marco Maciel. Quero, porém, pedir-lhe permissão para acrescentar ou dar relevo a uma das qualidades essenciais do intelectual e do político, que é uma constante na atuação de Marco Maciel: a tolerância. Sendo um homem de responsabilidade partidária, e até com a responsabilidade de Liderança, guarda em relação aos seus companheiros, como no que diz respeito a seus adversários, uma primorosa atitude de compreensão. Eu mesmo lhe sou imensamente grato por esta capacidade de suportar as minhas divergências, mas quando as manifesto, na verdade estou salientando as altas qualidades do meu Líder, a de compreender que na política se convive divergindo.

O SR. JOÃO CALMON — Agradeço a V. Ex^a, nobre Senador e eminentíssimo mestre, seu aparte tão valioso, que representa mais uma homenagem a esta figura ímpar da política nacional, que é o Senador Marco Maciel.

O Sr. Fernando Henrique Cardoso — Permite-me V. Ex^a um aparte?

O SR. JOÃO CALMON — Com muito prazer, nobre Senador.

O Sr. Fernando Henrique Cardoso — Sr. Senador João Calmon, não poderia deixar, neste momento, de também prestar meu depoimento e minha homenagem a V. Ex^a, por ter trazido o tema à consideração, e ao homenageado, o Senador Marco Maciel. Vou ser repetitivo, porque as qualidades do Senador Marco Maciel, aqui exaltadas, são tão patentes que todos temos que voltar a elas. Não só o trato lhanco e cortês de S. Ex^a, como o seu espírito público, e sua extraordinária capacidade de trabalho, mas especificamente, pelo que o homenageamos hoje, que são as suas virtudes intelectuais. Ainda hoje li um artigo seu na **Folha de S. Paulo**, onde cita abundantemente um dos autores que mais influenciaram a minha formação, que é Max Weber. Cita-o com maestria e desenvolve o tema também com brilhantismo. O Senador Marco Maciel tem uma virtude que é rara: é que, sendo um intelectual de qualidade, não deixa que esses atributos ofusquem os outros, a tal ponto que, muitas vezes, nos esquecemos de S. Ex^a como intelectual, para só o percebermos como político. É preciso que a cada momento revivamos, como estamos fazendo agora, as virtudes intelectuais de S. Ex^a. Por isso mesmo — como o Senador João Calmon tão bem disse — tenho a convicção de que o Senador Marco Maciel, como intelectual que é, e, ao mesmo tempo, Líder do Governo — nos momentos mais difíceis saberá discenir e colocar

na ordem proposta por V. Exª as virtudes do homem público. A pensar, em primeiro lugar, na sua consciência, em segundo lugar, no seu País e, só depois no seu Partido. Não digo isso como quem quer diminuir os compromissos partidários de quem quer que seja. Digo porque nós todos procuramos agir assim. Tenho certeza que o Senador Marco Maciel, nos momentos mais difíceis — e vamos enfrentar alguns deles daqui para a frente, e já os enfrentamos antes — saberá ser, ao mesmo tempo, líder político e um intelectual de méritos acima do comum. Portanto, junto a minha voz às homenagens prestadas.

O SR. JOÃO CALMON — Agradeço a V. Exª, nobre Senador Fernando Henrique Cardoso, o seu aparte que muito me emociona, porque V. Exª, sem dúvida nenhuma, merece o título de mestre dos mestres.

Agora mesmo, tenho acompanhado o seu trabalho como Relator-Geral da Comissão Parlamentar de Inquérito sobre evasão fiscal. Aproveito esta oportunidade para destacar que esta é a Comissão Parlamentar de Inquérito mais importante em funcionamento no Congresso Nacional. Foi criada por iniciativa do nobre Senador Fernando Henrique Cardoso, impressionado com as revelações sobre os altos índices de sonegação fiscal no Estado que S. Exª aqui representa com tanto brilho e dinamismo. Obviamente, é preciso destacar que São Paulo não é um Estado campeão de sonegação por falta de entusiasmo em relação ao pagamento dos impostos: é que São Paulo, se não fosse uma unidade da nossa Federação, seria um País desenvolvido. São Paulo não sonega mais do que os outros Estados.

Confiada essa tarefa da Relatoria-Geral da Comissão Parlamentar de Inquérito a V. Exª, e tendo como Presidente o nobre Senador Ronan Tito, que é a própria imagem do dinamismo e da vigilância indormida, estou certo de que, duplicando e até triplicando a arrecadação dos impostos devidos, vamos resolver os problemas mais importantes do Brasil, a começar pelos problemas da educação, da saúde e tantos outros.

O Sr. Humberto Lucena — Permite-me V. Exª um aparte?

O SR. JOÃO CALMON — Com muito prazer e honra concedo o aparte ao meu Líder, Senador Humberto Lucena.

O Sr. Humberto Lucena — Nobre Senador João Calmon, até me dispensaria deste aparte, já que o nobre Senador Pedro Simon, Vice-Líder da Bancada e um dos nossos mais eminentes companheiros já manifestou não só sua solidariedade, mas a de todos os demais membros do PMDB no Senado, à justa homenagem que V. Exª faz ao nobre Senador e Líder Marco Maciel pela sua posse na Academia Pernambucana de Letras. Todos nós conhecemos de perto o ilustre Senador Marco Maciel e temos por ele uma grande admiração e uma grande estima, independentemente de nossa divergência política, pois S. Exª sempre timbrou por uma conduta pessoal que nos envolve a todos, com a sua lhanza de trato e com o seu cavalheirismo, características de

sua conhecida personalidade de homem público. Entretanto, senti-me no dever de, também, pessoalmente, participar do seu pronunciamento, para dizer do meu júbilo por tomar conhecimento de mais essa justa reverência que Pernambuco presta a Marco Maciel, já agora no campo da intelectualidade. S. Ex^a, que se tem revelado ao longo de tantos anos, desde a Câmara dos Deputados, de que foi Presidente, ao Senado, um esgrimista extraordinário no jogo político, torna-se, agora, um beletista, imortalizado pela escolha daqueles que compõem a Academia Pernambucana de Letras. Sem dúvida, todos nós reconhecemos o seu valor não só político, mas intelectual. E é preciso que fique claro no registro dos nossos Anais que esta não é uma homenagem corporativa, mas uma homenagem que prestamos sinceramente a um companheiro que tem merecimento e, por isso, recebe nossos aplausos por mais esse galardão de glória.

O SR. JOÃO CALMON — Nobre Senador Humberto Lucena, seu aparte confirma, mais uma vez, o alto grau de educação política, que é a marca talvez mais importante da nossa Casa, o Senado Federal. V. Ex^a é o Líder do principal Partido da Oposição e, nesta hora, presta uma homenagem muito significativa ao nobre Senador Marco Maciel, Líder do Governo, e que além de ter adquirido já foros de imortalidade na área da literatura, já está inscrito como uma das admiráveis figuras da vida pública deste País.

O Sr. Francisco Rollemberg — Permite-me V. Ex^a um aparte, nobre Senador?

O SR. JOÃO CALMON — Concedo a palavra a V. Ex^a, Senador Francisco Rollemberg, com muito prazer e muita honra.

O Sr. Francisco Rollemberg — Senador João Calmon, lamento chegar já ao findar do discurso de V. Ex^a, quando procura, em registrando a posse de Marco Maciel na Academia Pernambucana de Letras, enaltecer as suas qualidades de cidadão, de homem público, de político e de intelectual. Veja, Senador Marco Maciel, ontem, nós conversávamos a respeito da sua entrada na Academia. Eu discutia e lhe falava sobre os pronunciamentos que lá ocorreram: o discurso singelo e suave de Magalhães Melo, a bela peça literária que produziu Marcos Vilaça e a excepcional qualidade de discurso que V. Ex^a houve por bem produzir para aquela ocasião. E, quando chego aqui hoje e vejo o nobre Senador João Calmon a homenageá-lo, eu me lembro da nossa conversa de ontem, quando eu citava José Augusto Guerra, imortal como V. Ex^a, homem da Academia Brasiliense de Letras, que, numa ocasião, me dizia: “Rollemberg, as idéias são como os pássaros, elas saem a pousar de galho em galho. Se você não as apreende, para que elas sejam suas, elas por certo continuarão voando e outro as apreenderá”. Foi o que ocorreu nesta tarde. Disse-me o Senhor Marco Maciel que iria consolidar a sua homenagem em um opúsculo, no qual seriam incluídas não somente essas três falas

mas também a do Sr. Governador do Estado de Pernambuco. Eu, então, fiquei no aguardo desse pronunciamento — que seria o do Sr. Governador — para vir a esta tribuna trazer aos nossos companheiros Senadores a notícia da imortalidade, recém-conseguida, do Senador Marco Maciel, mas V. Ex^a prendeu o pássaro primeiro do que eu. O pássaro pousou na minha cabeça e eu não o prendi, mas V. Ex^a, com a sua inteligência, soube segurar bem o pássaro e deu, em primeira mão, a este Plenário essa notícia. Aí me recordo de um dito tibetano, muito singelo, que diz o seguinte: “O que tens de fazer, faze-o logo”. V. Ex^a, tendo prendido esse pássaro e trazendo a notícia, trouxe a esta Casa, de uma forma que por certo nunca conseguiria igualar, a notícia dessa imortalidade. V. Ex^a foi eminentemente perspicaz e objetivo: tinha de fazer logo. Congratulo-me com V. Ex^a por isso. Eu, como V. Ex^a, Senador João Calmon, conheço Marco Maciel relativamente bem; chegamos juntos, em 1971. Marco Maciel, com esse mesmo físico — magrinho —, rápido nas idéias, nos gestos, na palavra, no pensamento, já com um conceito de homem inteligente, de homem culto, de homem probo e com uma larga experiência política, apesar do mínimo que era naquela ocasião. Já fora Secretário de Estado, era professor de Direito em Pernambuco, e amava tanto o seu magistério que se deslocava de Recife, nos finais da tarde, de ônibus, para a Faculdade de Direito de Caruaru — fundada pelo Dr. Tabosa —, para lá proferir as suas aulas de Direito Constitucional. Esse Marco Maciel, que conheci há 22 anos e meio, não frustrou nenhum de nós. Ocupou os cargos que um homem jovem pode ocupar. Foi Ministro duas vezes, Deputado Federal, Senador da República por duas vezes, Governador do seu Estado. Escritor de escol, produziu mais de 60 obras, mas se não tivesse produzido nenhuma, nobre Senador, sua própria vida, que já é um livro, o credenciaria por demais para ser recebido naquele sodalício, que é a Academia Pernambucana de Letras para ficar ao lado de Vilaça, uma cada onde Gilberto Freyre pontificou e que hoje é presisida por Magalhães Melo, nosso colega. Felicito V. Ex^a pelo pronunciamento desta tarde e me associo nessas homenagens à figura do Senador, do político, do intelectual e do amigo Marco Maciel, que V. Ex^a, com tanta proficiência, soube retratar, neste instante, no Senado Federal.

O SR. JOÃO CALMON — Sr. Presidente, vou encerrar o meu pronunciamento, mas antes gostaria de agradecer ao nobre Senador Francisco Rollemberg o seu generoso aparte. Lamento que eu tenha tomado a iniciativa antes de V. Ex^a e impedido que encantasse esta Casa com a sua eloquência...

O Sr. Francisco Rollemberg — V. Ex^a não tem o que lamentar. V. Ex^a honrou esta Casa e faço minhas as palavras de V. Ex^a

O SR. JOÃO CALMON — Foi, realmente, um aparte antológico. Mas devo lembrar que o meu dever ainda era mais imperativo, porque eu estive presente à solenidade da posse, no Recife. Era um dia de votação importante aqui no Senado, mas aceitei o convite que me foi formulado, porque, como

sou amigo há décadas do nobre Senador Marco Maciel, fiz questão de viver ao seu lado esse momento de ouro da sua vida literária, uma vez que S. Ex^a já recebeu todas as homenagens como homem público, restando uma, que creio ainda lhe será prestada por este País.

O Sr. Magno Bacelar — Permite-me V. Ex^a um aparte?

O SR. JOÃO CALMON — Tem a palavra V. Ex^a

O Sr. Magno Bacelar — Nobre Senador João Calmon, eu, que estava presidindo eventualmente a Casa e que acendia discretamente a lâmpada de advertência do tempo, agora peço ao nobre Presidente que tenha tolerância para que eu possa me associar ao discurso de V. Ex^a, por julgar justas e oportunas as homenagens que são prestadas ao Senador Marco Maciel, de quem tenho a honra de ser amigo há muito tempo. Quero dizer que Pernambuco é que está de parabéns, o título foi conquistado justamente, com todas as letras, pelo nobre Senador Marco Maciel. Disso eu sou testemunha, não só pelos apartes que V. Ex^a teve em seu discurso, como pela admiração profunda que o Senador Marco Maciel desperta em todos os Senadores que compõem esta Casa. Parabéns a V. Ex^a, a Pernambuco e ao nobre Senador Marco Maciel.

O SR. JOÃO CALMON — Nobre Senador Magno Bacelar, muito obrigado pelo seu aparte, que incorporo, com o maior prazer, a este pronunciamento.

Sr. Presidente, Srs. Senadores, resta um aparte que deixaria o meu pronunciamento incompleto se eu não o concedesse, porque parte dessa figura inspiradora da vida pública do nosso País, que é o nobre Senador Nelson Carneiro.

O Sr. Nelson Carneiro — Agradeço, inicialmente, as excessivas gentilezas de V. Ex^a, às quais já estou habituado. Quero também deixar consignado o meu aplauso à Academia Pernambucana de Letras, que foi buscar, para integrar o seu quadro, o nosso eminente colega Marco Maciel. Lamento que S. Ex^a, até hoje, não tenha recebido o opúsculo com os discursos pronunciados naquela oportunidade, onde, certamente, na palavra eloqüente do novo acadêmico, reencontraremos — como em todos os discursos pernambucanos — a figura de Nabuco e a presença de Gilberto Freyre. Estou certo de que esses dois grandes vultos da vida, da história e da grandeza pernambucana estarão presentes no trabalho de Marco Maciel. Espero ler esse opúsculo, para, ainda uma vez, me deliciar com a leitura proveitosa, culta, brilhante e agradável desse nosso companheiro, que tanto tem honrado as letras pátrias, como engrandecimento a vida pública com a sua presença. Muito obrigado a V. Ex^a

O SR. JOÃO CALMON — Nobre Senador Nelson Carneiro, agradeço a sua preciosa intervenção. Posso, desde logo, assegurar a V. Ex^a que vou

pedir a transcrição, nos Anais do Senado Federal, não apenas do discurso primoroso do Senador Marco Maciel, mas também dos pronunciamentos do ex-Deputado Federal Luiz Magalhães Melo e do acadêmico membro da Academia Brasileira de Letras, Marcos Vilaça. Dentro de poucos dias V. Exª poderá encantar-se com a leitura dessas três notáveis peças literárias.

O Sr. Garibaldi Alves Filho — Permite-me V. Exª um aparte?

O SR. JOÃO CALMON — Concedo um aparte ao nobre Senador.

O Sr. Garibaldi Alves Filho — Senador João Calmon, quero me associar à homenagem prestada por V. Exª ao Senador Marco Maciel, e dizer que, como homem do Nordeste, sou um admirador do Senador Marco Maciel há muito tempo. Lá da minha província, como deputado estadual, eu sempre acompanhei a trajetória brilhante de homem público do Senador Marco Maciel. Lamentavelmente, não sou liderado de S. Exª; sou leal ao meu Partido, integro o PMDB, que faz oposição à Bancada liderada pelo Senador Marco Maciel. Mas, mesmo assim, não posso deixar de dizer, a exemplo de todos os meus colegas, da nossa satisfação e da nossa alegria por ver os méritos intelectuais do Senador Marco Maciel serem realmente reconhecidos pela Academia Pernambucana de Letras. Tive a preocupação, também, de pedir, para a leitura, os discursos que foram pronunciados naquela oportunidade pelo Ministro Marcos Vilaça e por todos aqueles que falaram durante a sessão de posse do Senador Marco Maciel. Verifico que o Senador Marco Maciel teve uma consagração como intelectual, porque, como disse V. Exª, como homem público S. Exª já teve oportunidade de tê-la, através dos vários cargos que ocupou. Estou também solidário à homenagem prestada por V. Exª

O SR. JOÃO CALMON — Nobre Senador Garibaldi Alves Filho, gratíssimo a V. Exª pelo seu breve, mas muito significativo, aparte, que consagra, com palavras muito justas, os extraordinários méritos do nosso novo imortal.

O Sr. Jutahy Magalhães — Permite-me V. Exª um aparte?

O SR. JOÃO CALMON — Com muito prazer concedo o aparte ao nobre Senador Jutahy Magalhães.

O Sr. Jutahy Magalhães — Senador João Calmon, desaprendi, nesses últimos tempos, a fazer elogios. Por isso, para ser, inclusive, breve — porque a luz vermelha está piscando —, venho dizer que faço minhas as palavras não só de V. Exª como dos aparteantes. Todos os adjetivos foram dados em homenagem ao nosso companheiro, ao nosso colega e ao imortal Marco Maciel. Portanto também são minhas as palavras de todos.

O SR. JOÃO CALMON — Nobre Senador Jutahy Magalhães, gratíssimo pelo seu aparte que, apesar de breve, é muito significativo, e parte da Bahia, gloriosa, que já se havia feito ouvir através da palavra dos nossos mestres Josaphat Marinho e Nelson Carneiro.

O Sr. Marco Maciel — Permite-me V. Exª um aparte?

O SR. JOÃO CALMON — Concedo o aparte ao nobre Senador Marco Maciel, com a permissão do nobre Presidente Dirceu Carneiro.

O Sr. Marco Maciel — Nobre Senador João Calmon, desejo, neste momento, entre desvanecido e sensibilizado, agradecer, de forma muito especial, o gesto que V. Exª tem para comigo, ao solicitar a transcrição dos discursos proferidos durante a sessão da Academia Pernambucana de Letras, que marcou a minha admissão naquela Casa. Quero, inicialmente, dizer a V. Exª que as suas palavras para mim têm uma significação muito especial, pois não é de agora, é de longa data que tenho uma admiração grande por V. Exª. Não é sem razão que V. Exª é conhecido aqui e em todos os setores da educação brasileira como o seu grande apóstolo. Sempre entendi que a educação é uma atividade para a qual todos nós devemos voltar a principal atenção. Diria mais, até que o País tem muitos problemas graves, sérios, alguns conjunturais, outros permanentes, mas só tem uma questão que é estrutural, que é a questão da educação. Porque ela, a um só tempo, enseja não somente o amplo exercício da cidadania, mas cria os pressupostos e as condições para que se erija, a partir daí, um verdadeiro e correto projeto de desenvolvimento. Por isso, tenho V. Exª como um dos símbolos da política brasileira, pela coerência com que vem, em que pese todos os obstáculos e dificuldades, defendendo a causa da educação. Esse gesto de V. Exª, para mim, tem uma significação muito grande: requerer a inscrição, nos Anais da Casa, do meu modesto pronunciamento e das expressivas manifestações que ocorreram durante a minha posse, nomeadamente, por parte do Ministro Marcos Vinícios Vilaça, do Presidente da Casa, o ex-Deputado Luiz Magalhães Melo, que tem um irmão, atualmente, na Câmara dos Deputados, o Deputado Roberto Magalhães Melo e do atual Governador de Pernambuco, Dr. Joaquim Francisco de Freitas Cavalcanti. Quero também dizer que, para mim, o gesto de V. Exª tem uma significação muito grande por testemunhar um apreço que talvez não seja merecedor. E devo, a propósito, registrar como algo especialmente lisonjeiro para mim e para todos aqueles que integram a Casa de Carneiro Vilela, a Academia Pernambucana de Letras, o fato de V. Exª ter comparecido à posse. É algo que jamais esquecerei e foi algo que concorreu de forma muito expressiva para o brilho da solenidade. Quero também agradecer as manifestações que recebi aqui de inúmeros colegas. Quero também agradecer pela largueza de gestos e também por atitudes que, de alguma forma, muito me emocionaram. Quero agradecer àqueles que me enviaram mensagens, ou se manifestaram sobre a minha posse. E quero, também, fazer um registro, de forma muito particular, àqueles que, presentes na tarde de hoje no plenário desta Casa, tiveram a oportunidade de oferecer ao discurso de V. Exª apartes, para mim, consagradores. Gostaria de me referir ao Senador Coutinho Jorge, ex-Secretário de Educação, ex-Prefeito de Belém e, naturalmente, Vice-Líder do PMDB; a outra extraordinária figura de político, Pedro Simon, ex-Go-

vernador do Rio Grande do Sul; ao Vice-Líder do PFL, meu amigo há décadas, Senador Elcio Álvares, atuante representante do Espírito Santo; ao Líder do PDS, ex-Governador e ilustre homem público, Esperidião Amim; ao Senador Josaphat Marinho, essa exemplar figura de jurista e de Político com P maiúsculo; ao Líder do PSDB, nesta Casa, uma das expressões políticas do nosso País, Senador Fernando Henrique Cardoso; ao Senador Humberto Lucena, Líder do PMDB e eminente político no seu Estado e no Nordeste; ao Senador Magno Bacelar, a quem me ligam antigos laços de amizade que, nesta Casa, integra a Bancada do PDT; ao Senador Nelson Carneiro, ex-Presidente desta Casa, político competente e um intelectual na plena acepção do termo; ao Senador Garibaldi Alves Filho, notável figura de político potiguar e que tem um excelente **pedigree**, e, não podemos deixar de negar, um jovem e talentoso intelectual; ao Senador Jutahy Magalhães, que integra, nesta Casa, a Bancada do PSDB, que tem também um excelente **pedigree**, filho de um dos homens públicos mais acatados e honrados deste País, que foi Ministro das Relações Exteriores, Juracy Magalhães. Finalmente, gostaria de registrar a manifestação do eminente colega de Bancada e, por que não dizer também, o que muito me honra, meu amigo Senador Francisco Rollemberg, com quem inclusive já tive a oportunidade de falar sobre a solenidade de minha posse e que me deu inclusive a alegria de manifestar o interesse em ler o meu discurso e, posteriormente, comentá-lo. Por isso, nobre Senador João Calmon, agradeço, de forma muito especial, esse gesto de V. Exª e saiba que já não me esqueceria da atitude que V. Exª tomou de ir até Recife num dia de semana, com as dificuldades da locomoção que hoje caracterizam os deslocamentos para aquela cidade. Jamais poderei me esquecer desse fato. Agora, fico ainda mais cativo ao gesto de V. Exª ao registrar, aqui nesta Casa, o acontecimento para mim extremamente significativo, que foi o meu ingresso na Academia Pernambucana de Letras. Ao postular o ingresso na Academia Pernambucana de Letras, instado por alguns amigos de Pernambuco, eu o fiz não movido por uma vaidade pessoal — Deus parece que me poupou desse sentimento —, mas, sobretudo, por entender que a Casa Vilela era uma das expressões mais genuinamente significativas dos valores, da cultura e da história de Pernambuco. Quero, ao encerrar o meu aparte, dizer, mais uma vez, a V. Exª e à Casa que posso encontrar neste instante — pela manifestação de V. Exª e dos colegas que têm assento nesta Casa do Congresso Nacional. Muito obrigado, nobre Senador.

O SR. JOÃO CALMON — Agradeço o seu generoso aparte, nobre Senador Marco Maciel.

O Sr. Hugo Napoleão — Permite-me V. Exª um aparte, nobre Senador João Calmon?

O SR. JOÃO CALMON — Concedo o aparte ao nobre Senador Hugo Napoleão, com a autorização do nobre Presidente Mauro Benevides.

O Sr. Hugo Napoleão — Senador João Calmon, quero trazer, em nome do meu Partido, do Partido da Frente Liberal, os agradecimentos pela oportuna, tempestiva e feliz homenagem que V. Exª presta a um dos nossos maiores, o Senador Marco Antonio Maciel, justamente quando S. Exª transpõe os umbrais da Casa de Carneiro Vilela, trazendo toda a força de sua intelectualidade, toda a sua cultura, todo o seu humanismo, sempre embasados em estudos profundos da realidade pernambucana, brasileira e internacional. E mais: quero externar, também, através de minhas palavras, a homenagem do Piauí, a esse que, tenho dito e repetido em diversas oportunidades, é, sem favor algum, o ideólogo de nosso Partido. Quando da formação da Frente Liberal, nos idos de 1984, o Senador Marco Maciel, independentemente das questões da articulação política, cuidava, a *latere*, e de modo substancial, e em profundidade, da mensagem liberal, dos contornos dos seus ideais, dos seus postulados e, transpondo-os para os documentos oficiais do Partido, ou seja, para os estatutos, para o manifesto, para o programa do PFL. Conheço bem a personalidade desse homem que sempre pensa em seu Partido, não obstante tenha imensas obrigações de natureza senatorial, as atribuições da Liderança, e os afazeres de representação do seu glorioso Estado. Vive, diuturnamente, a preocupar-se com as questões internas, intrínsecas ou correlatas do liberalismo e do PFL. É justamente a esse humanista, a esse grande brasileiro, que tem trazido uma sólida contribuição à cultura nacional, que venho juntar a minha modesta palavra, na grande homenagem que este grande baluarte, Senador João Calmon, presta na tarde de hoje no Senado da República.

O SR. JOÃO CALMON — Agradeço a V. Exª, nobre Senador Hugo Napoleão, o seu aparte que é mais uma consagração para o eminente Líder do Partido que V. Exª preside.

O Sr. Antônio Mariz — Permite V. Exª um aparte?

O SR. JOÃO CALMON — Ouço o eminente Senador Antônio Mariz.

O Sr. Antônio Mariz — Senador João Calmon, solidarizo-me com V. Exª no momento em que homenageia o Senador Marco Maciel, que acaba de ser recebido na Academia Pernambucana de Letras. V. Exª traçou com palavras adequadas o perfil do novo imortal pernambucano, e assinalou com o brilho e a competência que lhe são características a solenidade em que a Academia o recebeu. Associo-me também a V. Exª na definição da oportunidade desta acolhida ao Senador Marco Maciel por suas virtudes de intelectual e homem público. A exemplo do Senador Francisco Rollemberg, também, tive a honra de chegar ao Congresso Nacional na mesma época do Senador Marco Maciel e, pude, por isso, acompanhar a sua trajetória na vida política,

o desempenho de inúmeros mandatos, o exercício da presidência da Câmara, a sua passagem no governo como Ministro, o desempenho no governo de Pernambuco e no Senado. Em todos esses momentos, a figura de Marco Maciel impôs e respeito e a admiração dos companheiros dos seu Estado e da opinião pública. Por todos esses títulos, é uma honra para a Academia Pernambucana de Letras receber em seu meio o Senador Marco Maciel. Assim, quero trazer aqui esse testemunho, essa palavra de apreço e respeito ao Senador Marco Maciel, no instante em que V. Exª lhe presta justa homenagem, quando se consagra como novo imortal pernambucano.

O SR. JOÃO CALMON — Nobre Senador Antônio Mariz, manifesto-lhe a minha gratidão por esse aparte. V. Exª enriquece meu pronunciamento porque parte de um vizinho de Pernambuco — o Estado da Paraíba —, de onde V. Exª, ao longo de várias décadas, tem apreciado o trabalho, o devotamento do Senador Marco Maciel ao Estado, ao Nordeste e ao Brasil.

O Sr. Maurício Corrêa — V. Exª me permite um aparte?

O SR. JOÃO CALMON — Com prazer, ouço V. Exª, nobre Senador Maurício Corrêa.

O Sr. Maurício Corrêa — Nobre Senador João Calmon, lamentavelmente, não ouvi desde o início o discurso que V. Exª profere. Mas se trata — eu o sei muito bem — de uma homenagem que V. Exª presta ao ínclito e eminente colega Senador Marco Maciel, pela sua investidura na láurea de imortal da Academia Pernambucana de Letras. Não poderia deixar de associar-me a essas justas homenagens que V. Exª a ele presta, por saber dos altos dotes intelectuais e morais do homenageado. Costumo ver, nos homens públicos, aqueles que se destacam mais pelas suas ações — ações no sentido de realizações — e aqueles que se destacam pela sua vida intelectual isoladamente. Uns são mais cultores do intelecto, outros são mais ativos na produção de grandes obras, de grandes realizações. O Senador Marco Maciel conseguiu unir essas duas qualidades: a de realizador e a de cultor de idéias, de um cultivador de idéias. É um liberal, um democrata, homem de pensamento límpido. Tenho orgulho e honra em pertencer à grei dos seus amigos pessoais. Tenho convivido com S. Exª e além desses dotes intelectuais e morais S. Exª possui uma qualidade, para mim, extraordinária na vida de um homem público, que é a lealdade, a correção, a ética nos seus procedimentos. De modo que quero, ao encerrar este breve aparte, associar-me às homenagens que V. Exª presta e colocar-me como um daqueles admiradores do Senador Marco Maciel, sobretudo com a satisfação de vê-lo guindado à Academia Pernambucana de Letras, historicamente conhecida. Portanto, registro aqui o meu abraço a V. Exª pela oportuna lembrança.

O SR. JOÃO CALMON — Nobre Senador e mestre Maurício Corrêa, V. Exª traz mais uma contribuição valiosa a este pronunciamento, nesta home-

nagem ecumênica ao nobre Senador Marco Maciel, que é a própria imagem da dedicação à política e à defesa dos supremos interesses do seu Estado, no Nordeste e do País.

O Sr. Jonas Pinheiro — Permite V. Exª um aparte?

O SR. JOÃO CALMON — Com muito prazer, concedo o aparte ao nobre Senador Jonas Pinheiro.

O Sr. Jonas Pinheiro — Nobre Senador João Calmon, prometo ser extremamente expedito e econômico nos meus dizeres, até porque o meu sentimento pessoal em relação ao Senador Marco Maciel já o expressei em telegramas que fiz expedir tanto para S. Exª quanto para o Presidente da Academia Pernambucana de Letras. Mas eu não poderia também deixar de, nesta oportunidade, externar a nossa satisfação por esta justa homenagem que aqui prestamos coletivamente. Faço este registro de tão notável acontecimento, e aproveito para externar, em nome da Bancada do PTB, dos sete Senadores que integram essa Bancada, em nome da Liderança, os sentimentos de satisfação, de contentamento, de justiça que foi feita pela Academia Pernambucana de Letras ao nosso ilustre par. Este homem singular que enobrece e engrandece com a sua presença e com a sua participação os trabalhos desta Casa.

O SR. JOÃO CALMON — Nobre Senador Jonas Pinheiro, agradeço a V. Exª as palavras tão justas em relação à personalidade fascinante do Senador Marco Maciel, que está recebendo hoje, nesta tarde, no plenário do Senado, mais uma demonstração do apreço, da admiração de todos nós a S. Exª, como uma das figuras exponenciais da vida pública da nossa Pátria.

O Sr. Aureo Mello — V. Exª concede-me um aparte, nobre Senador João Calmon?

O SR. JOÃO CALMON — Com muito prazer concedo o aparte ao nobre Senador Aureo Mello.

O Sr. Aureo Mello — Ninguém melhor do que V. Exª, Senador João Calmon, para ser o canal através do qual fazemos chegar à pessoa de Marco Maciel o contentamento pessoal por ver a sua indiscutível intelectualidade reconhecida e aplaudida pela coletividade pernambucana. Ao transpor os umbrais daquela Casa existe assim um toque de magia, uma espécie de **frisson** que faz com que aquelas palavras que dizem que o homem se torna imortal tenham o seu sentido de realidade. Isso nada mais é do que uma espécie de cobrança que se faz de tudo aquilo que já se realizou no campo das artes, no campo do intelecto. O Sr. Marco Maciel é um ex-Ministro da Educação, é um orador maravilhoso, um homem de uma cultura invejável e, além de tudo, um escritor fora de dúvida, além das qualidades que o conduziram ao Governo do seu Estado e tantas outras que fizeram com que S. Exª gravasse no papel as manifestações da privilegiada inteligência que Deus lhe deu,

graças aos desígnios superiores. E nós que aqui estamos no plenário do Senado, e eu, pessoalmente, que, também, sou membro de uma Academia — a Academia de Letras de Brasília —, sentimos uma alegria insopitável em dizer que esse aplauso da coletividade literária e intelectual de Pernambuco nos atinge, também, através da convivência que temos com o Senador Marco Maciel, assim como com o Senador Mauro Benevides, que também é imortal lá nas plagas do nosso Ceará e com outros que aqui estão e também participam de Academia e sodalícios. Este fato nos produz um sentimento de profundo enternecimento: deixam-se as colunas pétreas, marmóreas ou de cimento das coisas prosaicas em que vivemos nos dias atuais, para nos voltarmos para as róseas trepadeiras que sobem pelas cercas de madeira embelezando a essa Casa gentil, que é o Arcópagos, onde o novo acadêmico vai receber os louros e as tiaras conseqüentes dos seu engrandecimento, do reconhecimento que seus pares lhe tributam. Companheiro Marco Maciel, através deste aparte que estou fazendo a esse grande herói, nosso colega Senador João Calmon, intelectual ilustre também, companheiro de tantas lides desde as áreas do Amazonas até as friorentas paragens de Orlando, nos Estados Unidos — onde inesperadamente nos encontramos —, faço questão de lhe prestar um tributo que é, ao mesmo tempo, uma garantia de que, a qualquer instante, somos nós o testemunho desse valor, das duas qualidades espirituais, intelectuais e morais, porque tudo isso somado é justamente o ramalhete que, à semelhança das flores da vitória que os bravos esportistas receberam na Maratona da Espanha, Marco Maciel, a par da luta indômita que é a luta da política, recebe no caminho atapetado de pétalas de rosas que é o caminho da literatura, das letras e do pensamento puro. Muito obrigado, nobre Senador João Calmon.

O Sr. Darcy Ribeiro — Peço a palavra para um aparte, nobre Senador João Calmon.

O SR. JOÃO CAMLON — Ouço V. Ex^a com muita honra.

O Sr. Darcy Ribeiro — Nobre Senador João Calmon, eu, que o saúdo sempre como Senador da Educação, devo saudá-lo hoje como Senador da Cultura, por essa iniciativa tão bonita de nos fazer homenagear o Senador Marco Maciel por sua ascensão à Academia Pernambucana de Letras. Como candidato à Academia, como acadêmico vocacional, sinto-me muito a gosto para tomar a iniciativa de juntar a minha voz à dos vários Senadores para saudar V. Ex^a e saudar Marco Maciel. Muita gente pensa que a Academia de Letras é só de Letras. Já no tempo de Machado de Assis ficou muito claro que a Academia Brasileira de Letras, como a Academia Francesa, como a maior parte das academias do mundo, é uma academia de sumidades, de pessoas que alcançam uma posição exemplar em algum campo de grande importância humanística. Nesse sentido é que um eminente político, um eminente Senador, um homem público com a carreira de Marco Maciel, com

a lucidez com que ele se exerce, cabe perfeitamente numa academia, e é de homens assim que devem ser feitas as academias. Acho que a Academia Pernambucana de Letras fez uma grande aquisição, e quero saudá-lo e, por intermédio de V. Ex^a, o Senador Marco Maciel, por esse momento tão importante na sua vida.

O SR. JOÃO CALMON — Nobre Senador Darcy Ribeiro, agradeço esse aparte que tanto me honra e espero que dentro de poucas semanas estejamos todos aqui comemorando o seu ingresso na Academia Brasileira de Letras, na Casa de Machado de Assis.

Desejo também agradecer ao nobre Senador Aureo Mello pelo seu aparte, que realmente tem uma conotação sentimental, porque nos conhecemos lá no Estado do Amazonas, S. Ex^a como repórter e eu como diretor de um órgão dos **Diários Associados**, e agora nos encontramos, aqui no Senado, como membros da Câmara Alta, S. Ex^a com a láurea de imortal brasiliense.

O Sr. Meira Filho — Permite-me V. Ex^a um aparte?

O SR. JOÃO CALMON — Ouço com prazer o aparte do nobre Senador Meira Filho.

O Sr. Meira Filho — Senador João Calmon, venho, rapidamente, como é do meu feitio, associar-me ao discurso de V. Ex^a. Sou um fervoroso, um pleno admirador do Senador Marco Maciel de longas datas, de muitos anos, e acredito até que neste País é difícil não haver uma pessoa que não tenha tomado conhecimento do Senador Marco Maciel. Acho que a glória maior para o cidadão é ter a admiração, o respeito dos seus concidadãos. De maneira que venho associar-me à manifestação de V. Ex^a e digo, como já disse aqui certa feita: não tenho inveja do poder nem da riqueza, mas tenho uma profunda e sadia inveja dos homens que, como o Senador Marco Maciel, servem bem a sua pátria. Muito obrigado.

O SR. JOÃO CALMON — Nobre Senador Meira Filho, agradeço o aparte de V. Ex^a, meu irmão da taba dos **Diários Associados**, que traduziu com palavras felizes a sua admiração por esta figura ímpar da vida nacional que é o Senador Marco Maciel.

O Sr. Cid Sabóia de Carvalho — Concede-me V. Ex^a um aparte?

O SR. JOÃO CALMON — Com muito prazer e muita honra concedo o aparte ao nobre Senador Cid Sabóia de Carvalho.

O Sr. Cid Sabóia de Carvalho — Senador João Calmon, como sempre, V. Ex^a traz à tribuna do Senado tema de importância; ora uma preocupação, ora uma homenagem, quase sempre uma defesa, mas em tudo o que V. Ex^a faz há aquela marca da justiça, aquela marca do espírito lúcido que V. Ex^a demonstra ao Brasil há tantos anos e em tantas atividades. Muito embora tenha V. Ex^a primado pela defesa, sempre e sempre, da educação, do ensino,

conseqüentemente da cultura, a verdade é que nesta Casa V. Ex^a merece ser escutado com atenção, seja qual for o tema aqui abordado. Hoje V. Ex^a traz uma homenagem ao nosso companheiro Marco Maciel, membro da Academia Pernambucana de Letras. Confesso que tive muita vontade de ir a Recife e acompanhar essa solenidade que, para mim, seria da maior importância. Ainda mais porque considero que as academias dos estados têm uma grande importância: sou um daqueles, Senador João Calmon, que acompanha a literatura, que acompanha as letras em cada estado. Conheço bem as letras do estado de V. Ex^a, o Espírito Santo; conheço até as trovas do nordestino filho de sua terra; conheço poetas menores e poetas maiores do seu torrão; conheço, de Pernambuco, as figuras exponenciais, desde um Joaquim Nabuco até um mais moderno, como Gilberto Freyre, e os menores também, mas não poderia deixar de conhecer as elegias do Mauro Mota. Conheço a literatura da Paraíba, e Carlos de Fernandes, por exemplo, é hoje um autor que acompanho. Não me interessa apenas José Lins do Rêgo, não me interessa apenas José Américo de Almeida, não me interessa apenas aquele que se consagrou. Não conheço no Amazonas apenas a estrela brilhante e viva de agora do poeta Aureo Mello, mas eu conheço Jonas da Silva nas suas edições de 1900, 1901, 1905, 1922, e estou para conhecer essencialmente o poeta Bacelar, que dizem que é muito bom. Com isso estou mostrando ao ilustre companheiro que conheço a literatura do Rio Grande do Sul, onde incluo o poeta José Paulo Bisol, que participou de uma antologia universitária que chegou às minhas mãos. E um dia desses, como grande ameaça, eu disse para ele: “Se votar contra o meu parecer, declamarei uma poesia de sua autoria!” Disse brincando, evidentemente. A verdade é que dou uma grande importância à literatura dos estados, à intelectualidade de cada estado, de cada Unidade da Federação, principalmente daqueles autores que não se tornaram nacionais. A Paraíba que não é de José Lins do Rêgo, mas dos intelectuais da família Mariz — para lembrar aqui o nosso Antônio Mariz. Preocupo-me pelo Oliveira Neto, do Piauí, por exemplo, para se ter uma idéia. Não me interessa apenas o autor piauiense consagrado em termos nacionais. Não é só o Da Costa e Silva que me interessa. Penso que aqueles que não chegaram às manchetes de jornais, às páginas literárias, aqueles que não foram José Lins do Rêgo, nem Rachel de Queiroz têm uma grande importância. Agora, com o nosso companheiro Marco Maciel acontece uma coisa interessante. Ele consegue ser distinguido na Academia Pernambucana de Letras quando não tem propriamente tempo para produzir uma obra literária de ficção, mas uma obra literária através da oratória, através de preocupações intelectuais que são notórias em sua terra, e quero dizer que na literatura há, sim, o espaço para um discurso de Ulysses Guimarães, que quase sempre é muito bem feito. Há espaço para o escrito político, como há espaço para a letra científica, porque Oswaldo Cruz teve o seu lugar literário, matemáticos tiveram o seu lugar literário, o político tem também o seu lugar literário e o nosso companheiro Marco Maciel, ao longo da vida, é uma literatura

pernambucana de habilidade, de conhecimento, de sensibilidade, de sintonia social com os problemas e questões de sua terra, não questões políticas apenas, mas também as questões sociológicas. De tal sorte que, quando o companheiro chegou à Academia Pernambucana de Letras, o fez com um largo e inconteste mérito de uma atividade intelectual que se desdobra nacionalmente e que vai aportar na sua própria terra. Estou mostrando aqui o fenômeno inverso àquele que triunfa nacionalmente e retorna à terra, porque há aquele que da terra parte e triunfa nacionalmente. Esses fenômenos são muito interessantes e dignificam a Academia Pernambucana e também o Senado Federal, porque aqui temos pessoas de escol, pessoas brilhantes como V. Ex^a que nem precisam publicar o seu diário, que deve ser uma coisa interessantíssima, para guardar o seu lugar que já está reservado e estaria reservado apenas pela sua oratória. Nem precisaríamos contar na sua obra com os livros que estão aí editados há tantos anos e que tão carinhosamente integram bibliotecas importantes. Por isso, quero louvar a V. Ex^a por essa homenagem que propiciou ao nosso companheiro Marco Maciel. É um homem de quem nós podemos divergir, mas é um homem elegante na fala, no pensamento, é um homem elegante produzindo, é um intelectual acima de tudo, e tenho certeza de que a Academia Pernambucana de Letras recolheu do cenário nacional para o cenário estadual de sua cultura e de suas letras uma das figuras exponenciais do País. Por isso, associo-me a todas essas homenagens. Só falei em alguns nomes e em algumas pessoas, porque podia ser que o meu amigo João Calmon não soubesse que sou fanático pelas letras e que acompanho suas narrativas sobre Assis Chateaubriand tão importantes como seriam sobre Victor Hugo, Goethe e outros exponenciais internacionais ou figuras da terra. Sou um homem que acompanha as letras com muito amor e muita dedicação. Parabéns a V. Ex^a

O SR. JOÃO CALMON — Muito obrigado. Senador Cid Sabóia de Carvalho. V. Ex^a citou, com essa sua generosidade inexcedível, vários nomes de escritores de extraordinária importância do nosso amado Nordeste. A sua modéstia, entretanto, omitiu, o nome de Jader Carvalho, seu admirável pai, que foi uma estrela de primeira grandeza da literatura do Ceará e que infelizmente, para o Brasil, não teve uma difusão nacional. Quando eu vejo e ouço os discursos do Senador Cid Sabóia de Carvalho, eu me lembro daquela figura inesquecível, quando eu tinha apenas 21 anos, “lá na loura desposada do sol”, de acordo com o verso imortal do poeta, ele já se destacava pela sua combatividade, pelo seu alto valor literário. Quando vejo V. Ex^a neste plenário, brilhando intensamente, eu me lembro dessa figura que também desejo homenagear na hora em que todo o Senado se reúne para prestar um preito de admiração ao novo imortal, Marco Maciel.

O Sr. Cid Sabóia de Carvalho — Senador João Calmon, V. Ex^a toca meu coração, nesta hora. Permita-me fazer esta observação. Eu não quis falar sobre o meu próprio pai, porque isso pareceria imodesto, mas já que

V. Ex^a falou, eu diria que ele, mais do que escritor, é uma verdadeira literatura nordestina. Ele é muito mais do que um ser isolado, e um dia será reconhecido nacionalmente pela sua poesia, pelo seu romance, pelo seu jornalismo, pela sua polêmica e, notadamente, pela sua sociologia que Gilberto Freyre tanto reconhecia, mas da qual pouco se falou neste País. É o problema da província diante da grandeza do País. Muito obrigado a V. Ex^a

O SR. JOÃO CALMON — Além de tudo, era um notável panfletário.

O Sr. Cid Sabóia de Carvalho — Um polemista e panfletário.

O Sr. Júlio Campos — Permite-me V. Ex^a um aparte?

O SR. JOÃO CALMON — Com muito prazer, nobre Senador Júlio Campos.

O Sr. Júlio Campos — Estamos ouvindo com muita atenção o seu pronunciamento em que presta uma justa homenagem pela posse de nosso eminente companheiro e Líder Senador Marco Maciel, frente à Academia Pernambucana de Letras. O Estado do Mato Grosso é também rico em termos de cultura, de tradição e teve oportunidade, através da sua Academia Mato-Grossense de Letras, de oferecer ao Brasil o príncipe da poesia sacra deste País, D. Francisco de Aquino Correia, e que tem hoje figura exponenciais históricas marcantes, como José de Mesquita, Cavalcante Proença, Maria de Arruda Müller, Janine Póvoas, não poderia deixar, nesse instante também, o Estado de Mato Grosso, através da nossa pessoa, de cumprimentar ao povo pernambucano por ter, através de sua Academia de Letras, levado para integrar aquele elenco de homens cultos de seu Estado a figura exponencial de Marco Maciel, homem que já passou pelos mais diversos cargos públicos deste País. Foi Deputado Estadual, Secretário de Estado, Deputado Federal. Conheci Marco Maciel, ainda quando éramos jovens; eu quando vinha aqui ao Senado Federal o encontrava na condição de Deputado lá no gabinete do saudoso Líder Senador Filinto Müller, de quem Marco Maciel foi um dos grandes baluartes e um dos ajudantes na reconstrução da democracia deste País. Posteriormente, Marco Maciel voltou a Pernambuco para ser o Governador onde fez um grande trabalho não só na parte administrativa, social, educacional como também na parte cultural. Retornando ao Senado da República, aqui sempre brilhou, aqui sempre liderou, foi guindado às funções de Ministro de Estado de duas Pastas: da Casa Civil e do Ministério da Educação e Cultura, antigo MEC, onde fez um grande trabalho como Ministro da Educação e Cultura, dando apoio à área cultural brasileira. E, nada mais justo que seu Estado, Pernambuco — terra de grandes e ilustres homens cultos deste País —, leve para integrar a sua Academia o Dr. Marco Maciel. Nesta oportunidade, Mato Grosso também faz das palavras do Senador João Calmon as do povo mato-grossense pela grande oportunidade que Pernambuco deu a esse mestre, a esse competente Líder, a esse intelectual que é Marco Maciel.

Parabenizo o nobre Senador João Calmon pelo seu pronunciamento, extensivo ao mesmo Maciel pela sua posse frente à Academia Pernambucana de Letras.

O SR. JOÃO CALMON — Senador Júlio Campos, fico profundamente grato a V. Exª pelo seu magnífico aparte na hora em que recebe uma nova consagração deste Plenário o eminente Senador e imortal Marco Maciel.

O Sr. Mauro Benevides — Permite-me V. Exª um aparte?

O SR. JOÃO CALMON — Com muito prazer concedo o aparte a um outro eminente imortal, membro da Academia Cearense de Letras, Senador Mauro Benevides.

O Sr. Mauro Benevides — Nobre Senador João Calmon, deixei a cadeira presidencial a fim de que pudesse, com mais desenvoltura, interferir no discurso de V. Exª no instante em que, por sua oportuna iniciativa, o Senado homenageia o Senador Marco Maciel por sua agraciação com a láurea da imortalidade. Não há dúvida que todos nós que convivemos com o ilustre representante de Pernambuco tivemos ocasião de aferir a sua cultura polimorfa, a fulgurância de sua inteligência ao lado do espírito público que tem evidenciado no desempenho de importantes funções como Governador do seu Estado, Presidente da Câmara dos Deputados, Ministro da Educação e Senador da República com as responsabilidades acrescidas de liderar a sua Bancada e o próprio Governo nesta Casa e no Congresso. Diria a V. Exª que o Senador Marco Maciel é um intelectual de atividade permanente, incessante. Se V. Exª compulsar os jornais do dia de hoje, por exemplo, encontrará artigos lapidares do Senador Marco Antônio Maciel, espelhando exatamente o seu pensamento em torno de questões políticas da atualidade. Entendo que a Academia Pernambucana de Letras, onde pontificam luminares da cultura daquele Estado, ao homenagear Marco Maciel certamente o fez para enaltecer a contribuição da cultura política do povo pernambucano, que Marco Maciel tem sabido nesta Casa honrar, dignificar e enobrecer. Muito obrigado.

O SR. JOÃO CALMON — Nobre Senador Presidente Mauro Benevides, agradeço o seu aparte tão significativo e que me permite lembrar que V. Exª também conquistou a imortalidade há poucas semanas, no Ceará, como membro da Academia Cearense de Letras.

O Sr. Mauro Benevides — Naturalmente, sem os méritos do Senador Marco Maciel, na Academia Pernambucana de Letras.

O SR. JOÃO CALMON — Tive a honra e o prazer de comparecer também a sua posse na Academia Cearense de Letras, e não poderia deixar de fazer uma referência rápida a uma das mais felizes iniciativas aqui, no Senado Federal, e que, infelizmente, não se transformou numa realidade: foi a criação de uma Comissão de Fiscalização e Controle que, caso transformada no órgão

com o qual V. Exª sonhou, não teríamos enfrentado, ao longo dos últimos anos, problemas tão graves na Comissão Mista de Orçamentos.

Lembro-me bem, quando V. Exª já não estava nesta Casa, que proferi um discurso que, depois, foi divulgado numa plaquete com este título: "Uma Revolução Legislativa". V. Exª foi o autor dessa revolução legislativa que, por culpa nossa, não de V. Exª, não chegou a concretizar-se.

Agradeço a V. Exª pelo seu aparte que une a sua voz de Presidente desta Casa às homenagens muito merecidas que todos prestamos ao eminente Senador Marco Maciel.

O Sr. Albano Franco — Senador João Calmon, permite-me V. Exª um aparte?

O SR. JOÃO CALMON — Com muito prazer, nobre Senador Albano Franco.

O Sr. Albano Franco — Nobre Senador João Calmon, ao chegar a esta Casa tivemos oportunidade de ouvir o pronunciamento louvável e justo de investidura do nosso companheiro, do nosso Líder, Marco Maciel, na Academia Pernambucana de Letras. Aproveito o ensejo não só para felicitar a iniciativa de V. Exª, mas para dizer que já nos idos de 1962, quando eu cursava o primeiro ano de Direito, na cidade de Recife, o companheiro Marco Maciel já era Líder universitário na mesma velha Faculdade de Direito, na Casa de Tobias, em Recife. Aproveito a oportunidade para dizer que realmente Marco Maciel, através da sua serenidade, do seu equilíbrio e da sua dignidade, tem sido um dos homens públicos, da minha geração, de maior conceito e de maior apreço, porque consegue aliar sua habilidade, sua competência, sua capacidade de trabalho ao seu valor intelectual. Ontem mesmo, aproveitava eu para consultar o Senador e intelectual Marco Maciel acerca dos estilos de redação de Joaquim Nabuco e Rui Barbosa. Ouvi as explicações necessárias sobre o estilo de Joaquim Nabuco, que é um dos livros de cabeceira do Dr. Marco Antônio Maciel. Desejo, portanto, felicitar o Senador João Calmon pela iniciativa e dizer que o Senado faz justiça, homenageando hoje o nosso Líder e companheiro Marco Antônio Maciel. Quero dizer, também, que aqui temos a sorte e o privilégio de contar, entre os nossos colegas, com vários imortais. Inclusive, quero registrar e homenagear um imortal do meu Estado, que é nosso colega, com assento nesta Casa, o nobre Senador Francisco Guimarães Rollemberg, homem que através da sua cultura, do seu saber, da sua dignidade, é hoje uma das pessoas mais queridas e respeitadas do meu Estado e uma das honrarias que temos na Academia Sergipana de Letras. Por isso, parabéns Senador João Calmon.

O SR. JOÃO CALMON — Senador Albano Franco, V. Exª, além de Senador emérito, é o Líder da indústria brasileira; com a visão que não pode, de forma alguma, ser qualificada de egoísta. V. Exª tem um espírito público invejável.

Agradeço a V. Exª o seu aparte tão enriquecedor, com um detalhe adicional que ignorava: Francisco Rollemberg, nosso magnífico companheiro, é também, como o nobre Senador Marco Maciel e o nobre Senador Mauro Benevides, um imortal, membro da Academia Sergipana de Letras.

O Sr. Ronaldo Aragão — Senador João Calmon, V. Exª concede-me um aparte?

O SR. JOÃO CALMON — Com muito prazer, Senador Ronaldo Aragão.

O Sr. Ronaldo Aragão — Senador João Calmon, permita que me associe às justas homenagens que faz V. Exª hoje ao Senador Marco Maciel. Como pernambucano, gostaria também de juntar-me ao discurso de V. Exª e aos apartes de tantos outros Senadores, feitos na tarde de hoje, em homenagem ao ilustre Senador. Queria dizer, Senador João Calmon, que conheci o Senador Marco Maciel nos idos de 1960, quando, estudante secundário da União Brasileira de Estudantes, e o Senador Marco Maciel, na época, Presidente do DCE. Em seguida, vindo de uma linhagem do PSD — minha família, em Pernambuco, era do PSD, e a família do Senador Marco Maciel, também, pertencia a esse mesmo partido —, caminhei para a Faculdade de Medicina, e o Senador Marco Maciel, na carreira política, como Chefe de Gabinete do ex-Governador Nilo Coelho; depois Deputado Estadual, Líder do partido, na época, na Assembléia Legislativa. Migrei para o Norte e o Senador Marco Maciel, depois, foi Presidente da Câmara dos Deputados, Ministro e Senador. Mas, já se conhecia a sua capacidade intelectual, naquela época. E, hoje, Pernambuco, quando recebe na sua Academia Pernambucana de Letras, a figura do Senador Marco Maciel, só se engrandece. Quero, como pernambucano, aqui dar os meus parabéns a V. Exª que, oportunamente, presta homenagem a este grande político brasileiro, que é o Senador Marco Maciel.

O SR. JOÃO CALMON — Nobre Senador Ronaldo Aragão, manifesto-lhe a minha gratidão por esse aparte que, somente hoje, me permitiu tomar conhecimento de que V. Exª nasceu no Estado de Pernambuco. É mais um título que adiciono ao seu *curriculum vitae*.

O Sr. César Dias — Permite-me V. Exª um aparte?

O SR. JOÃO CALMON — Concedo o aparte ao nobre Senador César Dias, com muito prazer.

O Sr. César Dias — Gostaria, nobre Senador João Calmon, de também render as minhas homenagens ao Senador Marco Maciel. Bem antes de pensar em entrar na política, recebi de um pernambucano alguns opúsculos e obras literárias do Senador Marco Maciel. Assim que ingressei na política, em 1988, passei a estudar essas obras do Senador Marco Maciel e o tive como um paradigma da trajetória que eu traçaria na política nacional. Como um dos Senadores mais jovens aqui no Senado Federal, posso dizer a V. Exª que

estou convivendo com grandes homens e tenho o Senado Federal como uma verdadeira academia, porque, se não me falha a memória, há aqui oito imortais. Temos Mauro Benevides, Aureo Mello, Francisco Rollemberg, Josaphat Marinho, Nelson Carneiro, Hugo Napoleão, e, realmente, estou passando uma das melhores fases da minha vida ao conviver com tanta intelectualidade nesta Casa e rendo as minhas homenagens ao Senador Marco Maciel, porque o admiro; todos sabemos do seu labor também frente ao Ministério da Educação. Considero que os membros da Academia Pernambucana de Letras foram muito felizes quando o tornaram imortal, porque o seu trabalho, a sua literatura é, inclusive, internacional. Neste aparte de homenagens, quero dizer que V. Exª, Senador João Calmon, foi, realmente, o porta-voz de todos os Senadores, porque V. Exª é um dos homens, no Senado Federal, que mais defendem a educação no País. Muito obrigado.

O SR. JOÃO CALMON — Nobre Senador César Dias, quero, inicialmente, agradecer a tolerância e a liberalidade do Sr. Presidente, o nobre Senador Dirceu Carneiro, que está batendo recordes de generosidade e de boa vontade, no momento em que esta Casa se reúne para prestar consagrada homenagem ao nobre Senador Marco Maciel, nosso novo imortal.

Antes de encerrar o meu pronunciamento, gostaria de renovar a V. Exª, nobre Senador César Dias, o enorme prazer e a honra de receber o seu valioso aparte.

O Sr. Ney Maranhão — Permite-me V. Exª um aparte, nobre Senador?

O SR. JOÃO CALMON — Ouço V. Exª, nobre Senador.

O Sr. Ney Maranhão — Nobre Senador João Calmon, desejo associar-me a esta manifestação que todo o Senado Federal presta ao nobre colega Marco Maciel. A consagração de agora, com que o distingue a cultura pernambucana, se acrescenta ao julgamento, que já é de toda a Nação, quanto a seus méritos de político correto, de estadista cuidadoso, de homem que, afinal, tem como suprema diretriz o interesse do País.

O SR. JOÃO CALMON — Agradeço a V. Exª, nobre Senador Ney Maranhão.

O Sr. Marco Maciel — Senador João Calmon, permita-me interromper, uma vez mais, o generoso discurso de V. Exª, pelo qual quero, muito sensibilizado, agradecer.

O SR. JOÃO CALMON — Com muita honra, nobre Senador Marco Maciel.

O Sr. Marco Maciel — Como dizia, interrompo, mais uma vez, o discurso de V. Exª para aproveitar a ocasião e registrar o meu agradecimento às manifestações que se sucederam após o meu primeiro aparte. Por isso, não gostaria

de deixar sem o meu profundo reconhecimento às amistosas palavras: do Presidente do meu Partido, meu amigo Senador Hugo Napoleão, membro da Academia Piauiense de Letras; do colega e amigo de longas datas, Senador Antônio Mariz, pessoa que admiro desde os tempos em que convivemos na Câmara dos Deputados; do Líder do PDT, Senador Maurício Corrêa, que além de excelente Parlamentar é um advogado de reconhecido conceito em nosso País e um dos líderes de uma organização extremamente reputada da sociedade civil, a OAB; do Senador Jonas Pinheiro, que aqui trouxe, com o seu sentimento de nordestino, a manifestação do seu Partido, o PTB, do qual é Vice-Líder, no momento exercendo a Liderança; do Senador Áureo Mello, que trouxe palavras tão eloqüentes e — por que não dizer — tão incomuns que tanto contribuíram para o nosso enriquecimento intelectual; do Senador Darcy Ribeiro, figura estelar da política brasileira, que fez considerações tão adequadas sobre o sentido das nossas academias; do Senador Cid Sabóia de Carvalho, Vice-Líder do PMDB e acatado advogado e intelectual; do Senador Júlio Campos, ex-Governador do Mato Grosso, meu colega de Partido, a quem nos ligam estreitos laços de amizade; do Senador Albano Franco, nordestino como eu, líder empresarial que tem rara e invulgar vocação para político e com quem tenho laços de amizade desde os bancos acadêmicos, como S. Ex^a teve oportunidade de recordar, além de colega que fui de seu pai, o Deputado Augusto Franco, no Congresso Nacional; do nobre e estimado amigo Senador César Dias, novo talento de político que o Senado incorpora à vida pública brasileira, e ao qual está certamente reservado um papel muito importante na política do seu jovem Estado e, por que não dizer, na política nacional; do Senador Ney Maranhão, Líder do PRN e também representante de Pernambuco nesta Casa; e, finalmente, agradeço ao Presidente desta Casa, o Senador Mauro Benevides, que, além de excelente político, é membro da Academia Cearense de Letras, recém-empossado, e realiza nesta Casa uma administração tão festejada e tão reconhecida — isso não surpreende aos seus amigos; apenas aproveito esta ocasião para mais uma vez deixar consignado nos Anais da Casa. Então, nobre Senador João Calmon, já que V. Ex^a me concede, faço, mais uma vez, o meu agradecimento, de modo especial, aos nobres Senadores que, por intermédio de apartes, manifestaram-se de forma tão calidamente afetuosa sobre o meu ingresso na Casa de Carneiro Vivalda, isto é, na Academia Pernambucana de Letras. Infelizmente, estou aqui no plenário e não tenho à mão um dicionário, mas, certamente, se dicionário tivesse, não encontraria expressões para agradecer e manifestar o meu reconhecimento por conceitos tão significativos como os que acabo de receber nesta Casa Congressual da República.

O Sr. Beni Veras — Senador João Calmon, por intermédio do pronunciamento de V. Ex^a, solicito ao nobre Senador Marco Maciel que acrescente o meu nome nessa lista que S. Ex^a mencionou. Embora tardiamente, gostaria de confirmar as palavras que os companheiros pronunciaram a seu respeito.

O SR. JOÃO CALMON — Agradeço ao nobre Senador Beni Veras o seu aparte. Em virtude do adiantado da hora, S. Ex^a não alongou como desejaria sua homenagem ao nobre Senador Marco Maciel.

O Sr. Marco Maciel — Senador João Calmon, novamente interrompendo a manifestação de V. Ex^a, quero aditar ao meu agradecimento o registro das palavras do Senador Beni Veras, que é a um só tempo empresário e político. Disso posso dar testemunho porque o conheço não de agora, e sei que além de político, é bem-sucedido empresário, empresário com forte visão social. Até sua atividade empresarial é entendida como ação social, isto é, como ação pública, porque ele se volta na sua atividade privada para abrir novas alternativas para o seu Estado, quer pela elevação da renda do seu torrão natal, quer pela geração de novos empregos, tão importante no momento que vivemos. Por isso, Senador João Calmon, mais uma vez, muito sensibilizadamente, reitero os meus agradecimentos pelo gesto tão largo, tão generoso de V. Ex^a relativamente à minha modesta pessoa. Muito obrigado.

O SR. JOÃO CALMON — Senador Marco Maciel, eu não poderia encerrar este pronunciamento, enriquecido por apartes praticamente de todos os membros desta Casa, sem destacar que, no momento em que o Brasil está enfrentando uma crise de extrema gravidade, podemos confiar neste País. A sessão de hoje constitui a melhor demonstração de que esta é uma casa ecumênica. Vozes representativas de todas as correntes partidárias se fizeram ouvir para exaltar a personalidade de V. Ex^a. Nem tudo está perdido. Continuemos a acreditar no Brasil e no seu futuro grandioso.

Muito obrigado.

***Discurso de Posse do Acadêmico
Marco Maciel, na Academia Per-
nambucana de Letras***

Recife, 27 de julho de 1992

LETRAS E POLÍTICA

Cumpro, hoje, nesta venerável instituição, cuja devoção de seus membros parece semelhá-la a um templo, o primeiro ritual de minha vida de acadêmico. Mas não serão apenas rituais as palavras que ora pronuncio, para expressar o meu agradecimento pela maneira com que fui ungido, aqui, em tão generosa sagração eleitoral, e o meu contentamento por poder penetrar nos fascinantes domínios da Academia Pernambucana de Letras.

O poeta Manuel Bandeira, certa vez, em carta a um escritor pernambucano, disse, muito modestamente, merecer o seu busto em praça pública, no Recife, pelo esforço e paciência com que havia longamente posado para o escultor Celso Antônio.

Quanto a mim — Deus haverá de perdoar a imodéstia — espero merecer esta convivência, pela admiração que nutro pelos seus integrantes e igualmente por dedicar minha vida, pensamento e ação, à política, através da qual dispenso permanente atenção à literatura, à educação e ciência, à pesquisa, à tecnologia, às artes, à cultura, enfim.

A política, em sua correta acepção, não conhece fronteira entre o pensar e o agir, sendo a ação antecedida sempre pelas idéias, cujo diálogo, ressalte-se, constitui essência do processo democrático.

E quem diz idéias ou ideais, quem diz diálogo, pressupõe, na política ou fora dela, em maior ou menor grau, mas necessariamente, uma relevante contingência de valores intelectuais afora os princípios morais que a tudo embasam.

À sua maneira abrangente, quase diria ecumênica, a Academia não é apenas uma reunião de literatos — poetas ou ficcionistas — posto que aqui, como na vida, eles sejam virtualmente imprescindíveis. Nela domina a força das idéias nas suas mais ricas manifestações.

A Academia abre espaço, em síntese, para a reflexão sobre a relação por vezes íntima entre a arte das letras e a arte da política, esta também situada, por exemplo, no âmbito das memórias, compreendendo diários, cartas, biografias e autobiografias, muitas vezes de elevada feição literária.

A literatura brasileira, mesmo que de certa forma ainda pobre nesse gênero, nele tem encontrado alguns casos exponenciais. Não são raros os homens públicos que têm oferecido interpretação significativa dos acontecimentos políticos ou testemunhado fatos relevantes de nossa história.

Mesmo o discurso, que é a principal ferramenta do político, o seu instrumento por excelência, e que nos últimos tempos vem sendo talvez um dos menos apreciados dos gêneros literários, depois de um longo prestígio e apogeu, e cujo declínio se dá menos por causas intrínsecas e, sim, pelo mau uso que se vem fazendo da oratória, pelo seu mau uso barroco ou rococó, pelo seu abuso demagógico nos palanques; mesmo o discurso, friso, pode não apenas ornar, mas consubstanciar toda uma obra de pensamento e de literatura como no campo religioso. Foi o caso estelar do Padre Antônio Vieira ou do meu antecessor, Monsenhor Severino Nogueira, de quem a fala densa e elegante, no púlpito ou nos salões de conferência, tanto ressoa em nossa memória.

Assim, mesmo admitindo-se a natureza específica da literatura — tendo um fim em si mesma, valendo-se por si mesma, e não veículo de outros objetivos — não há como não se ressaír a sua utilização pela política. É, como vimos, a hipótese dos textos de memórias ou dos ensaios historiográficos ou de filosofia política ou, por excelência, do discurso, o desenvolvimento de uma proposta destinada a persuadir ou empolgar.

Não se pode, portanto, retirar do político, para o qual, na opinião preconceituosa de muitos, tudo é somente ação, movimento e pragmatismo, a glória do esplendor intelectual.

CONCEITO DE POLÍTICA

Entendo a política, insisto, como atividade que associa pensamento e ação, compatibilizando-os num eticismo de conduta que leva a sociedade à satisfação de interesses coletivos; assim, perfilho a concisa definição que lhe deu Alceu Amoroso Lima, Tristão de Ataíde, ao compreendê-la como “ciência, virtude e arte do bem comum”. Para exercitá-la, pois, é cada vez mais necessário ter sempre presente um ideário a orientar a ação, a presidir os atos e decisões, nunca dessegando o pensar e o agir.

Em seu excelente ensaio biográfico sobre Mirabeau, Ortega y Gasset previne: “Não se pretende excluir do político a teoria, a visão puramente intelectual. A ação tem nele que ser precedida de uma prestigiosa contemplação”.

E constata pelo exemplo: “César, enquanto atravessava os Alpes em sua liteira, compõe um tratado de Analogia, como Mirabeau escreve na prisão uma gramática, e Napoleão, em sua tenda de campanha, sobre a neve russa, o minucioso regulamento do teatro francês. Lamento que a veracidade me obrigue a dizer que não acreditarei jamais no talento de um político de quem não se tenha ouvido coisa parecida. Por quê? Muito simples. Essas criações suplementares e supérfluas são um sintoma inequívoco de que esses homens sentiam fruição intelectual”.

“Com o progresso dos tempos” — conclui Gasset — “a sociedade se torna mais complexa e os políticos pensam ser cada vez mais intelectuais, quer se queira ou não”.

Joaquim Aurélio Nabuco de Araújo, a um só tempo político e escritor, adota a mesma linha. Ao discursar, como Secretário-Geral, na inauguração da Academia Brasileira de Letras, afirma sem reboços: “Eu bem sei que a política, ou, tomando-a em sua forma mais pura, o espírito público, é inseparável de todas as grandes obras: a política dos faraós reflete-se nas pirâmides tanto quanto a política ateniense no Partenon; o gênio católico da Idade Média está na **Divina Comédia**, como o gênio protestante do protetorado está no **Paraíso Perdido**, como o gênio da França Monárquica está na literatura e no estilo dos séculos XVII e XVIII...” E agrega: “A política, isto é, o sentimento do perigo e da glória, da grandeza ou de queda do país, é uma fonte de inspiração de que se ressente, em cada povo, a literatura toda de uma época”, mas adverte, com oportunidade, que “para a política pertencer à literatura e entrar na Academia, é preciso que ela não seja o seu próprio objeto; que desapareça na criação que produziu como o mercúrio nos amálgamas de ouro e prata”.

Lembro, na mesma direção, De Gaulle, o estrategista, herói e estadista, para quem a básica tarefa do homem de estado deve ser a de converter “idéias em realidade”. Assim é possível ao político aspirar não apenas ao êxito eleitoral — glória efêmera, sucesso que se dissipa rapidamente, quando não a olvida a memória coletiva —, mas certamente ao reconhecimento que lhe garanta senão a perpetuidade de seus gestos, pelo menos a perenidade de suas idéias.

Como sabemos, as idéias se cristalizam em ideais e este em flama: a atividade política, portanto, perpassa o imaginário coletivo; vertebrada às suas ações, projetando-se no tempo além de todas as latitudes imagináveis e de todos os limites alcançáveis.

Sem jamais haver pensado ao longo de minha vida pública obter a láurea acadêmica — que eleva, honra e consola — não posso deixar de proclamar que a presidir meus gestos está sempre a convicção de que em política não se pode dispartir idéia e ação, aquela devendo preceder a esta, de sorte que se possa, com discernimento, ousar pôr os dedos nos raios da roda da história. Somente assim essa atividade, da qual dimana enorme labor, dedicação integral e busca obstinada aos objetivos, poderá merecer a aprovação dos coetâneos e consolidar os valores que balizarão a saga dos pósteros.

Não são os políticos o espelho da sociedade e uma forma de materialização de suas potencialidades?

Repito, com Roger Garaudy: “A política é reflexão sobre o sentido do homem e como descobrir os meios para obter esse fim. Quero dizer, como dar a cada criança que carregue dentro de si o gênio de Mozart as condições para ser um Mozart”.

Ainda que a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão — já se disse ironicamente — tenha olvidado de assegurar o direito de se contradizer, não creio ser possível, em política, prática de rígida coerência em se tratando de realidades extremamente cambiantes. Não deve haver, porém, conflito

entre dizer e fazer, pois de outra forma se retiraria do discurso toda a autenticidade de seu conteúdo. “Suprimida a palavra, o que se torna a voz?”, indaga Santo Agostinho em um sermão sobre São João. “Esvaziada de sentido, é apenas um ruído. A voz sem palavras ressoa no ouvido, mas não alimenta o coração. É o que também ensina a sabedoria do Velho Testamento, imersa no Eclesiástico: “O fruto revela como foi cultivada a árvore; assim, a palavra mostra o coração do homem. Pois é no falar que o homem se revela (Eclo 27, 4-7).

Transponho, pois, os umbrais desta Academia, certo de não haver conflito entre política e cultura, como não se pode tornar dissímil pensamento e ação, mesmo porque não há entre intelectuais e políticos como compartimentar atitudes que se voltam ao aprimoramento da vida social e da conduta cívica.

O ato político se inicia no reino das consciências e seu debate se prolonga no espaço vivo das sociedades livres, que almejamos cada vez mais democráticas e participativas, edificadas com o cimento da ética.

Recorde-se, a propósito, o famoso apólogo de Protágoras, inserido no diálogo platônico de igual nome. Incumbido de levar aos homens a arte da política, Mercúrio indaga a Júpiter como ministrá-la. Quando se trata, dilucida Júpiter, “de competência nas artes e construções, os atenienses, como os outros, julgam que há poucas pessoas habilitadas a dar conselhos; e não suportam que tome a palavra alguém que não pertence a esse grupo”. Contudo, em se tratando de uma deliberação política, toleram que qualquer pessoa se manifeste. E adiciona: “A diferença entre a arte da política e as outras artes está em que a primeira não se ensina, e não se ensina porque é patrimônio de todos”.

Assim perfilho a observação de Max Weber, inscrita em famoso ensaio, de que há três qualidades determinantes no homem público: paixão, no sentido de propósito a realizar, isto é, devoção a uma “causa”; sentimento de responsabilidade, que o impele a colocar-se a serviço dessa causa como estrela polar determinante de sua atividade; e senso de proporção, característica psicológica fundamental do político. Quer isso expressar, assinala Weber, que o político deve ter a faculdade de permitir que os fatos ajam sobre si no recolhimento e na calma interior do espírito, sabendo, por conseguinte, manter à distância os homens e as coisas.

IGREJA E CULTURA

Senhores Acadêmicos,

O confrade Potiguar Matos — agora posso assim chamar o meu sempre professor de história — em sua rica fala de recepção nesta Casa, citando o humanista Luiz Delgado, também meu ex-professor, descobre com relação à Cadeira nº 21, “que há nela uma espécie de tradição, como se ela tivesse um destino e como se, através da sucessão dos indivíduos e da balbúrdia dos acontecimentos, alguma afinidade misteriosa tivesse andado a aproximar os seres, a reuni-los em grupos, em categorias, em linhagens”.

E, logo depois, ajunta: — “Ao tentar aprofundar a tese de Delgado e nas linhas do seu próprio raciocínio, aconteceu-me o medo de estar partindo uma surpreendente cadeia de inteligências ou ferindo a harmonia de cativante arquitetura espiritual, como os velhos templos góticos do medievo, erguida com a colaboração paciente e sábia do tempo, sem pressa ou improvisação”.

O mesmo parece acontecer, é a conclusão a que também chego, quanto à cadeira que agora passo a ocupar. Quem sabe por estranhos, porém compreensíveis desígnios, explorando coincidências para magnificá-las, lavrando em rica província cultural, expungindo o que não é relevante, observo um só pensamento a percorrer a todos os ocupantes da cadeira, cujo Patrono é o Frei Leandro do Sacramento, nascido nos fins do século XVIII, um dos muitos religiosos a integrar o conjunto dos patrocinadores desta Academia. Em todos eles, percebo, a marcar suas respectivas produções intelectuais, uma acentuada similitude de conduta — tanto pela busca da liberdade quanto pela defesa de uma sociedade menos injusta — e notável identidade nas convicções religiosas.

Em todos eles, salvo Alfredo de Moraes Coutinho, eleito em 1927 e falecido em 1938, sem que haja tomado posse, de Armando Taborda de Souza Gaioso, seu fundador, passando por Ceciliano Célio Meira de Oliveira Melo, o reconhecido Célio Meira e alcançando o Monsenhor Severino Leite Nogueira, seu último ocupante, diviso uma nítida e harmoniosa linha, em que as vocações profissionais, pendores intelectuais e convicções confessionais não se desassociaam. São eles pesquisadores, historiadores — de história natural ou das civilizações —, jornalistas ou articulistas e, sublinhe-se, mais uma vez, praticantes do mesmo credo religioso. O professor Célio Meira, seu penúltimo ocupante, faz inclusive catequese religiosa em sua obra poética, como se pode verificar em muitos de seus versos, como nesta quadra:

“Aos que amam o Nazareno
Não dê nunca um triste exemplo
Se não tem Jesus na mente
Não vá buscá-lo no templo”

Frei Leandro do Sacramento, que se notabilizou na vida secular como botânico e não participou, ao lado de seus irmãos de clero, da revolução de 1817, chamada “Revolução dos Padres”, legou-nos, porém, como cientista, significativa contribuição para o conhecimento de nossa flora, hoje objeto de tanta controvérsia internacional, depois que a ecologia, uma das denominadas “comunalidades” do mundo moderno, possibilitou a redescoberta da sua importância na formulação de projetos orgânicos de desenvolvimento. Esses projetos, ressaltado, contribuirão para a realização integral do homem, a ponto de se excogitar atualmente da elaboração de um “Estatuto da Terra” — a exemplo da Declaração dos Direitos do Homem.

Aliás, a presença do Frei Leandro do Sacramento ao lado de nove outros religiosos, como patronos de cadeiras na Academia Pernambucana de Letras, nos faz refletir sobre a influência da Igreja em nossa formação cultural.

De fato, não é possível escrever a História do Brasil, à margem da história das diferentes ordens religiosas, como observaram, entre outros, Fernando de Azevedo e Gilberto Freyre. Elas atuaram, ativamente, na vida brasileira desde os albores da nacionalidade até os dias mais recentes da República. Ninguém pode desconhecer, apenas para reforçar um aspecto, que o ensino em nosso País nasceu da grande contribuição que deram os jesuítas, em particular, e as confissões religiosas em geral. Sua importância levou Capistrano de Abreu a inferir não ser correto escrever a História do Brasil ignorando a presença da Companhia de Jesus. Não apenas durante o período inicial de colonização, em que eram suas as únicas escolas existentes, mas também depois da emancipação, frise-se uma vez mais, em que tiveram a seu lado, além da presença do Estado, a participação das escolas leigas de que estão cheios de referências os nossos arquivos históricos. Isso sem mencionar a existência de padres, frades e freiras que exercitavam outros misteres — cronistas, pesquisadores e políticos — e quão numerosos foram eles, sobretudo nas Casas Legislativas do Império!

O Monsenhor Severino Nogueira, de quem fui paroquiano durante o período em que, como Governador, tornei-me inquilino do Palácio do Campo das Princesas, e ao qual tenho a honra, ornando a minha biografia, de suceder na Cadeira de nº 22, sublinha em dois de seus bem tecidos e pesquisados trabalhos — a Conferência sobre Dom Francisco Cardoso Aires e o Discurso de Posse nesta Academia — a importância desse fato, apoiado em estudos de mestres como Sílvio Romero. Para este, assinala o Monsenhor Nogueira, “a unidade religiosa, consolidada pelo catecismo dos jesuítas, e a unidade jurídica, junto das ordenações do Reino, são fatores de unidade nacional”.

Ao falar de sua opulenta e canônica figura de sacerdote, lente, orador — um autêntico Mont’Alverne dos novos tempos — não tenho como deixar de fazer uma afirmação que pode parecer tanto pretensiosa quanto ousada. Reporto-me à proximidade que creio existir entre a atitude do sacerdote e atividade do político. Assim como não vejo incongruência — como aventei anteriormente, entre o labor do intelectual e a ação do político, não consigo divisá-la também entre a verdadeira política, que deve ter como objetivo o bem comum, e o ministério religioso que, não despreza, antes, valoriza o precípua papel do cristão na edificação de um consórcio humano balizado pela justiça social. Daí podermos identificar, na função política, uma ação missionária.

Nisto, creio não estar só!

Gandhi, um cristólogo em seu apostolado pela não-violência, refletia igual ponto de vista: “Minha devoção à verdade empurrou-me para a política; e posso dizer, sem a mínima hesitação, mas também com toda a humildade,

que não entendem nada de religião aqueles que afirmam que ela nada tem a ver com a política”.

A Igreja Católica, da qual Monsenhor Nogueira foi dos melhores e cultos servos, é, como qualificou recentemente o Papa Paulo VI, “perita em humanidade”, ao propalar uma visão global do homem, que ela expressa em sua vasta doutrina social.

Esse ministério pontifício vem se adaptando à semântica dos novos tempos desde a encíclica **Rerum Novarum**, do inspirado Leão XIII, o primeiro e sistematizado pensamento **ex-professo** sobre a questão social.

Defende a encíclica princípios, hoje universalmente aceitos, que produziram talvez um impacto igual ou maior do que o causado pelo manifesto marxista, tal a firmeza e contundência com que verberou a iniquidade da exploração, por parte de duas correntes econômicas que se digladiavam, concitando “a autoridade pública a tomar medidas eficazes para assegurar os interesses da classe trabalhadora, sob pena de violar a Justiça que quer seja dado a cada um o que é devido”.

A doutrina social, católica, colocando a Igreja em posição equidistante de todo totalitarismo político, e que se consolida no tempo, define-se a partir de uma visão integral do homem, considerado não apenas como agente econômico, mas também como ser lúdico, livre e social, possuidor e criador de cultura, necessitando de afeto e capaz de solidariedade e amor; do homem, chamado a realizar-se nesta terra, sujeito ao erro, porém convocado para o transcendente.

As encíclicas posteriores à **Rerum Novarum**, em grande parte trazidas à lume em sua comemoração, aprofundaram e alargaram os preceitos de Leão XIII. Assim foi com a **Quadragesimo Anno**, de Pio XII, a **Mater et Magistra**, de João XXIII, a **Gaudium et Spes**, do Concílio Vaticano II, a **Populorum Progressio**, de Paulo VI, e, de João Paulo II, a **Labor Exercens**, a **Sollicitudo Rei Socialis** e, finalmente a **Centesimus Annus**, editada em regozijo pela passagem do primeiro centenário da **Rerum Novarum**.

O ministério social da Igreja atualiza-se quase que com a mesma rapidez das mudanças verificadas **urbi et orbe**, graças a sua continuidade associada à renovação, conforme expõe o Papa peregrino João Paulo II, assegurando a sua enorme perenidade.

Não é este o papel a ser cumprido pelo político, isto é, por todos aqueles que se dedicam integralmente à causa pública?

Tudo isso exige dos sacerdotes — na acepção escatológica de sua tarefa — e dos políticos, no seu propósito de propiciar ao homem sua plena e integral realização, uma generosa e contínua atitude de solidariedade em relação ao próximo, um permanente gesto de amor.

Explica-se, dessa forma, a razão pela qual o carisma, expressão utilizada no passado para caracterizar os portadores de dotes sobrenaturais, especialmente os santos e mártires, tenha passado também a ser considerado atributo do autêntico homem público. Pois, uns e outros, religiosos e políticos, não

podem prescindir da aura do exemplo que se dá como corolário de uma reta conduta dedicada ao bem comum, ao serviço da causa que professam. Assim, a ambos cumpre, com o testemunho e a ação, exercitar tarefas catequéticas, de proselitismo em favor das convicções e valores que abraçam.

Nem se pense, todavia, que o ministério do homem de Estado não tenha para a Igreja valor e significação. Ao contrário, a doutrina católica consigna relevante importância a crescente melhoria de vida do homem em seu trânsito pelo mundo. O Concílio Vaticano II (nº 1.350) é suficientemente esclarecedor: “A obra redentora de Cristo, que consiste essencialmente na salvação dos homens, inclui também a instauração da ordem temporal. Portanto, a missão da Igreja não consiste só em levar aos homens a mensagem de Cristo e sua graça, senão também em penetrar no espírito evangélico as realidades temporais e aperfeiçoá-las”. Assim, a doutrina cristã não apenas conhece a importância da atividade política: estima-a e exalta-a.

O INTELLECTUAL E O ERUDITO

Acredito, pois, não haver nenhuma descontinuidade de formulação intelectual naqueles que, sucessivamente, vêm ocupando a Cadeira nº 22 da nossa APL, sem possuir o vasto cabedal de conhecimentos históricos, a profundidade do saber religioso, o fulgor dos recursos oratórios que tão bem caracterizaram meu predecessor posso, contudo, afirmar que tenho muitos pontos em comum com sua estuante e lhana individualidade de cidadão e sacerdote.

Durante os dezessete anos que integrou esta instituição, muito contribuiu para enaltecê-la, pelo testemunho do Evangelho, verticalidade de conduta cívica e devotado cumprimento de seus misteres acadêmicos.

Se um traço, dentre muitos, desejasse frisar na fecunda personalidade do Monsenhor Nogueira, este bem poderia ser de reputado orador sacro. Sim, notabilizou-se justamente na oratória, considerada o mais geral dos ramos literários, e talvez, por isso mesmo, o mais difícil, posto que exige, ao lado de uma perfeita articulação das idéias, um vigoroso talento de expressão verbal.

Examinar a obra e estudar a personalidade do Monsenhor Severino Nogueira nos ajuda, igualmente, a entender a importância da diferença entre o intelectual e o erudito.

Este, expõe Daniel Bell, “freqüenta um campo de conhecimento limitado, tem uma tradição na qual procura encontrar seu lugar, acrescentando à massa do conhecimento acumulado e testado, como quem constrói um mosaico. Está menos envolvido com sua individualidade. Já o intelectual tem como ponto de partida sua experiência, suas percepções individuais do mundo, seus privilégios e carências, julgando o mundo com essas sensibilidades”.

Depois desse perfil, qual a dificuldade em catalogar o Monsenhor Nogueira como um lídimo, genuíno intelectual? Sempre demonstrado, cotidianamente, seja no púlpito, ou em conferências, nos seus diversos escritos para revistas, livros e jornais, nos conselhos de cultura, nesta Academia de Letras.

Parece corroborar esse raciocínio o comentário que sobre seu discurso de posse na APL fez o escritor e jornalista Andrade Lima Filho, em crônica publicada no velho **Diário de Pernambuco**: “Ao contrário da árvore, que lhe tomou o nome, Nogueira não cresceu muito por fora. Fez como o Adamastor: cresceu por dentro”.

O poeta Mauro Mota, também escrevendo sobre o homenageado, afirma na mesma direção:

“Sabe-se que, quando o presidente da APL disse: “Tem a palavra Monseñor Severino Nogueira”, estava dando o seu a seu dono, pois, nesta paróquia — e digo paróquia no sentido amplo, jamais com limite na do vigário de Santo Antônio — ninguém mais do que ele exerce o domínio sobre a palavra, isto é, sobre as palavras. Ninguém, mais do que ele, sabe reuni-las, expurgando as de mau-caráter, dar-lhes boa convivência e cargas significativas na expressão oral. Oralidade — e aí está a vitória do orador sobre o falastrão — que, se levada à escrita, permanece viva no conjunto de valores”.

É do humanista Nilo Pereira a transcrição, em um de seus artigos no **Jornal do Commercio**, da humorada observação de seu velho amigo Fernando Barreto: “Receio pecar na missa das onze em Santo Antônio, indo mais pela homilia do que pelo mandamento. E confortei-me logo com a certeza de que tudo é o Evangelho, tudo é a mensagem divina”.

Sem nada mais pretender aditar ao retrato de meu antecessor — tarefa extremamente complexa e exuberante — gostaria tão-somente de lembrar que nascido, nos albores da Primeira Grande Guerra, na cidade de Paudalho, hoje, pela conturbação, contígua à região metropolitana do Recife, o pranteado Severino Nogueira terá a conservar-lhe a memória e a reverenciar-lhe permanentemente os méritos toda a Casa de Carneiro Vilela, e não apenas aquele que tem a honra de suceder-lhe.

IMORTALIDADE E CULTURA

Milan Kundera diz em um de seus últimos livros que “o homem pode pôr fim à sua vida, mas não pode pôr fim à sua imortalidade”. A imortalidade a que ele se refere nada tem a ver com a imortalidade da alma. Trata-se, esclarece Kundera, de “uma outra imortalidade, profana, para aqueles que permanecem depois de mortos na memória da posteridade”. E arremata: “Diante dessa imortalidade as pessoas não são iguais”.

Para nós, cristãos, contudo, a imortalidade é um processo que se inicia com a vida e não se extingue jamais. É o ensinamento contido na primeira carta paulina aos coríntios: “Eis que vos digo um mistério; não morremos todos, mas seremos mudados. (...) Os mortos ressuscitarão incorruptíveis. Tragada foi a morte na vitória”.

Sr. Presidente, Srs. Acadêmicos, senhoras e senhores, se este discurso não tem a pretensão de ser eterno, não deve também ser interminável.

Não seria justo encerrá-lo, todavia, sem a renovação de meus agradecimentos a todos os integrantes desta Casa que me receberam de modo tão calidamente pernambucano.

Devo, de modo especial, mencionar as atenções com que me distinguiram o ex-Presidente Waldemir Miranda, estendendo os cumprimentos, meus e de Anna Maria, a sua esposa D. Yone; e o atual Presidente Luiz Magalhães Melo — ele também vocação de intelectual e de político — e D. Tereza, inextinguíveis, todos, juntamente com os funcionários da Casa na carinhosa acolhida e recepção que me dispensaram a partir do depósito de minha candidatura.

Palavra especial devo dirigir ao amigo Marcos Vinícios Vilaça, que tantos títulos acumula em densa vida de professor, escritor, secretário de Estado, membro da Academia Brasileira de Letras, Ministro do Tribunal de Contas da União e que desta Casa também foi presidente “tão jovem e tão presidente”, na adorável charla cunhada por Gilberto Freyre. De Vilaça, que tanto admiro e por quem nutro uma amizade que vem dos idos do Colégio Nóbrega, a que se estende a sua Do Carmo, veio o primeiro impulso para que concorresse à APL; o que me levou, após dias de angústia e reflexão, entre perplexo e emocionado, a dizer-lhe: eu não sou digno!

Como meu recipiendário, e cumprindo a liturgia que governa os atos desta solenidade, desejo manifestar-lhe os agradecimentos pelo estímulo à vida acadêmica, que me permitirá conviver com individualidades de outros saberes, e alimentar-me de boa seiva na minha caminhada de homem público.

Sei, como disse em primoroso texto o imortal — estadual e federal — Vilaça, que “a palavra é o canto dos homens. Ela toca e tange. Traz-me cativo de sua força e sedução”.

Sem ela jamais teria a provisão de sol interior que me estimulou a postular o ingresso na Casa de Carneiro Vilela, síntese das melhores tradições pernambucanas!

Sr. Presidente,

Alceu de Amoroso Lima, em obra citada pelo Monsenhor Nogueira, diz que “consciente ou inconscientemente, não pode jamais, a literatura, quando é verdadeira literatura, deixar de refletir uma determinada atitude em face da vida”. Para mim, esta “atitude em face da vida” é, em sua aparente simplicidade, a perfeita definição de política. Muito mais que uma profissão, a política, tal como a entendo e busco exercê-la, é uma atitude de vida.

Espero oferecer a esta Casa, com esta percepção de política, a minha contribuição ao “desenvolvimento da cultura literária”, consoante seus estatutos.

Porém, com o poeta João Cabral de Melo Neto:

“Sei que traçar no papel
é mais fácil que na vida
sei que o mundo jamais é

a página pura e passiva
o mundo não é folha
de papel receptiva:
o mundo tem alma autônoma
é de alma inquieta e explosiva”

“Mas” — como ao poeta —

“o sol me deu a idéia
de mundo claro algum dia”
(Auto do Frade)

Assim, com as minhas convicções, trago o sol das praças e o meditar das longas vigílias consagradas à nossa pobre condição humana, certo de que aqui terei a claridade que provém das luzes da cultura.

Discurso pronunciado pelo Acadêmico Luiz de Magalhães Melo, Presidente da Academia Pernambucana de Letras, ao abrir a Sessão Solene de Posse do Senador Marco Maciel no dia 27 de julho de 1992.

Dentro dos estilos, vamos hoje dizer alguma coisa a respeito do novo Acadêmico recém-eleito em pleito memorável para esta Academia de Letras, o Senador Marco Antônio Maciel.

Não chega ele a esta Casa de Carneiro Vilela de mãos vazias, pois que o mérito intelectual é a medida exata de quantos postulam e alcançam tal glória maior.

Sem dúvida, a condição de político não deve ser desdenhada ou pesar pouco na balança do nosso julgamento, como no juízo de qualquer cidadão, ainda que medianamente inteligente. Isto acontece aqui como em qualquer nação civilizada.

Foi na Academia Francesa que escritores brasileiros se inspiraram para criar e multiplicar as suas academias: a nacional e as estaduais. Lá pontificava o genial Ernest Renan, a quem se deve a seguinte verdade: “Tudo que é grande e possui valor real cabe nesta Academia”.

Sentimos que na consciência do acadêmico que hoje estamos recebendo nesta sessão solene sempre houve o pulsar de outras aspirações e de outros temas não menos nobres. Até porque, sendo possível, ninguém deseja andar ao longo da vida em um mesmo sentido. Com efeito, o Barão do Rio Branco e Joaquim Nabuco, dois expoentes da intelectualidade brasileira, foram, ao mesmo tempo, grandes escritores e políticos. Ambos passaram pela Academia Brasileira de Letras e foram, respectivamente, Ministro do Exterior e Embaixador do Brasil.

Do mesmo modo, o crítico literário e historiador dos mais renomados, Sílvio Romero, ex-Deputado Federal, foi quem recebeu, na mesma Academia Brasileira de Letras, o autor de *Os Sertões*, Euclides da Cunha, o qual aspirou muito o mandato de Deputado Federal. Fracassada essa idéia, o Barão do Rio Branco, seu amigo, convocou-o para participar do intrincado caso dos limites territoriais entre o Brasil e a Argentina.

Por igual, o Presidente Getúlio Vargas pertenceu àquela Casa de Letras do País. E Barbosa Lima Sobrinho, ex-Deputado Federal e Governador de Pernambuco, lá está honrando a láurea que recebeu como todos os cargos que tem exercido no cenário político-cultural da vida brasileira. Ninguém ignora que o ex-Presidente Juscelino Kubitschek, o criador de Brasília, ao terminar o seu mandato, alimentava ardorosamente o desejo de ocupar uma cadeira entre os imortais, no Rio de Janeiro, ao lado do notável escritor e jornalista Austregésilo de Athayde. Talvez as gerações mais novas não

saibam, também, que o General Dantas Barreto substituiu, na Casa de Machado de Assis, a Joaquim Nabuco.

Josué Montello dizia, faz pouco tempo, em uma de suas crônicas, que o romancista famoso Victor Hugo fez quatro tentativas para ingressar na Academia Francesa, somente conseguindo o seu objetivo na quinta inscrição como candidato.

Já havia escrito essas palavras, quando lembrei-me que Coelho Neto fora secretário de Estado do governo do Rio de Janeiro e Rui Barbosa, político e jurista toda vida, afirmou-se grande mestre, também, no campo da filologia e da gramática, na conhecida e demorada polêmica que travou com Carneiro Ribeiro, a propósito da redação do Código Civil Brasileiro, a qual empolgou todo o País.

Será bom lembrar que Gilberto Freyre, após uma válida e rica incursão no domínio da sociologia e da antropologia, elegeu-se Deputado Federal pelo nosso Estado, sendo mais tarde eleito por unanimidade para esta Academia de Letras. No seu discurso de posse exaltou, como poucos o fizeram, os méritos desta nobre e respeitável Instituição.

Relevem-nos dizer que há mais de vinte e cinco anos aqui chegamos, após ter sido secretário de Estado e parlamentar com sete mandatos sucessivos. Por vocação, talvez, sempre devotamos grande interesse pelas coisas que se ligavam ao espírito humano.

André Maurois conta-nos que Disraeli, famoso líder inglês, quando já doente, foi nomeado pela Rainha Vitória para a Câmara dos Lordes. Teve de deixar, assim, a Câmara dos Comuns. Antes de fazê-lo, despediu-se do plenário, percorrendo como num adeus lento várias salas daquela Casa Legislativa. Alguém que não era do seu partido, com lágrimas nos olhos, disse a meia-voz a outro companheiro de bancada: Esse homem incomum não é dos nossos; porém vai fazer falta neste recinto. E lembrou, na ocasião, uma frase do referido político britânico: “A vida é muito curta para ser pequena”. Acreditava ele que o homem é mais do que uma máquina, acrescentando: “Além da matéria submetida a reações químicas e físicas existe uma essência diversa, que é a alma, o divino, o gênio, substância essa completamente angélica”. Não ignoramos que a nossa imortalidade é contingente, mas temos a certeza de que o espírito não morre, através de suas criações, sobretudo se estas são frutos de uma inspiração superior que lhes permita atravessar os tempos.

Aqui ninguém chega sozinho. Traz consigo valores que se renovam, que se aperfeiçoam no debate a cada dia e a cada instante. A investidura não é um ato de graça, mas obedece a toda uma processualística regulamentar e regimental.

Marco Antônio Maciel, que está agora chegando, desde estudante da Faculdade de Direito do Recife, já revelava a sua incoercível vocação para a política e para as letras. Foi Presidente da UEP (União dos Estudantes de Pernambuco) e, no curso das lides universitárias, chegou a Presidente

do DCE (Diretório Central dos Estudantes). Exerceu as funções de secretário de estado durante o Governo Paulo Guerra e elegeu-se, depois, Governador de Pernambuco. Porém não se permitiu estacionar nas funções que exerceu. Elegeu-se também Deputado Estadual e Federal, chegando a Presidente da Câmara dos Deputados em Brasília. No momento, como Senador, lidera a maioria naquela Câmara Alta do Parlamento brasileiro.

Foi, entretanto, como titular do Ministério da Educação que seu interesse pela cultura mais se destacou, dando executoriedade à emenda do eminente Senador João Calmon, após uma expectativa de 15 anos fazendo com que 13% dos recursos da União fossem obrigatoriamente aplicados na educação. Teríamos muito a dizer a propósito das realizações do acadêmico eleito como titular daquele importante setor da administração pública federal. Deixamos, todavia, a maior parte dos grandes lances de sua vida a cargo do brilhante acadêmico Marcos Vilaça, destacado membro da Academia Brasileira de Letras e também da nossa, a quem cabe a solene e nobre missão de pronunciar o discurso oficial de recepção, em nome da Casa de Carneiro Vilela, da qual foi presidente muitos anos, prestando à mesma relevantes serviços. Levou a bom termo a aquisição da nova e atual sede, juntamente com o poetíssimo e também ex-presidente Mauro Mota, inclusive, a construção deste auditório.

Injusto não destacar, também, a valiosa colaboração de suas respectivas esposas aqui presentes, Maria do Carmo Vilaça e Marlí Mota, bem como dona Lola, esposa do professor Luiz Delgado, ex-presidente desta Casa o que, por igual, trabalhou para que a doação do edifício-sede fosse consumada.

Não há como negar que as novas instalações deram mais dignidade a esta instituição, na qual o pensamento quase sempre acha-se associado ao trabalho produtivo.

É bom que seja assim e que possamos, parodiando esse admirável Antoine Saint-Exupéry dizer, hoje e sempre, que “estamos no âmago das coisas”... “como uma sentinela sobre as muralhas desta fortaleza que deve ser a vida”, a qual “só está garantida pelos valores espirituais que representam uma fonte e uma raiz”.

Já dizia Joaquim Nabuco que em um livro apenas pode estar um homem todo. Marco Antônio Maciel escreveu vários e expressivos trabalhos sob o ponto de vista cultural.

Elegendo-o estamos convictos de ter praticado um ato de justiça e de sabedoria.

***Discurso de Saudação ao Acadêmico Marco Maciel, na Academia Pernambucana de Letras, pronunciado pelo Acadêmico Marcos Vi-
laça.***

“O homem era alto e tão magro que parecia sempre de perfil”. Dá para pensar que se trata do desenho de Marco Maciel, mas não é. A frase, de Mário Vargas Llosa, principia o livro **A Guerra do Fim do Mundo**, a saga de Canudos.

O novo acadêmico chega alto e magro, mas não de perfil. Entra de frente nesta Casa, credenciado pelos valores fundamentais à convivência acadêmica: pernambucanidade, serviços à cultura, produção intelectual, honradez irretocável.

O seu ingresso, fisicamente, parece de perfil, mas na verdade é o de um retrato de corpo inteiro, e até enxundioso, se a avaliação for dos merecimentos morais e intelectuais.

A propósito da magreza que lhe valeu apelidos de “Mapa do Chile” e de “Figura de El Greco”, devo esclarecer que Marco Maciel, ao contrário do que se diz, gosta de comer. É só vê-lo atracado a um prato de massas, a uma sobremesa de goiabada em calda com queijo do tipo catupiry. Esta combinação daria para engordá-lo quase ao nível de um Oliveira Lima, não fosse degustada apenas uma vez por semestre...

“RES PUBLICA”

Reconheço-lhe o apetite preferencial: o da ação pública. Esta não é uma gloriola. Procede alardear-lhe vitórias, tenacidade, noites indormidas, auxiliares exaustos e em processo de desnutrição, modernidade nada moderna no jeito de administrar, propostas de longa maturação e de densa formação. Tudo misturado.

Bergson lembra que o intelectual na política realiza-se em homem completo, aliando o pensamento à ação. É o que tem acontecido com Marco Maciel.

As idéias respondem pelo impulso e o breque de suas ações. E sem deixar de sonhar. “Só o sonho é eterno porque não se modifica nunca”, falou Borges.

A leitura dos discursos, conferências e livros que nos oferece, mostra, à suficiência, a ética com que acomoda o seu tanto de Maquiavel ao seu tanto de Cervantes, o tanto do pragmático, ao muito do idealista. Afinal de contas, já foi lembrado que São Pedro operou politicamente a lição de Jesus, a partir de quando instalou em Roma a sede da Igreja.

Kaluss Mehnert argumenta que o intelectual nunca deveria meter-se em política, já que lhe faltam senso de oportunidade e capacidade de tomar

decisões. Conseqüentemente, não pode agir com eficiência no campo político. Engano do mestre de **Aix-la-Chapelle**, pelo menos em relação a homens públicos da espécie macieliana.

Na verdade, Marco Maciel deve sofrer a dor da sofisticação de todo intelectual, que é a de não se conceder desculpas. Mesmo estando certo, não lhe basta. É preciso estar certo na hora certa. É necessário lutar pela felicidade da sua gente, mas não como felicidade oriunda do sofrimento que se cansou e sim em conseqüência de uma linha que principia na esperança, não sentada, mas de pé, tal qual nos versos de Cassiano Ricardo.

E ainda: é visível que tem necessidade em negar razão a Churchill quando dizia que o político deve ser capaz de prever o que vai passar-se amanhã, o que vai passar-se mês que vem, e o que vai passar-se no próximo ano, com uma condição: a de saber explicar depois porque nada do previsto aconteceu.

Acadêmico Marco Maciel:

Prepare-se a fim de ver ao seu derredor a cena comum à vida de José de Alencar, os intelectuais julgando-o pelo que faz o político e os políticos julgando-o pelas ações do intelectual. Ajude, também, a desfazer aquela postura de insegurança, denunciada por Austregésilo de Athayde, quando homens de Governo em geral consideram indigno de suas responsabilidades devotar-se às letras, no temor de serem tratados como literatos. Em verdade, porque alguns não gostam de ler, não sabem escrever, pouco pensam e têm ciúmes de quem freqüenta esses hábitos para eles tão exóticos.

A POLÍTICA NA ACADEMIA

Não é nova, sabe-se, a empatia acadêmica em relação aos políticos e disto o seu discurso deu-nos uma visão universal e transtemporal. Vejo dois exemplos fáceis para mim. Quando aqui cheguei tinham ou haviam tido militância política: Ulysses Lins, Barreto Campelo, Costa Porto, Luiz Delgado, Nilo Pereira, Aderbal Jurema, Gilberto Osório, Andrade Lima Filho, Jordão Ermenenciano, para só se falar dos desgraçadamente que já se foram. Outro exemplo: sem certeza de mencionar a todos, foram governadores de estado e acadêmicos da Academia Brasileira: Dom Aquino, Octavio Mangabeira, Luís Viana, Santos Barreto, José Carlos Macedo Soares, Getúlio Vargas, Lauro Müller e o célebre autor de **A Bagaceira**. Lá se encontram os ex-inquilinos dos palácios dos Leões e do Campo das Princesas, respectivamente, José Sarney e Barbosa Lima Sobrinho.

Ressalto, ainda, dois perfeitos abonadores para essa convivência da política com a atividade do intelectual, que se juntam ao nosso, ao nossíssimo Joaquim Nabuco.

Josué Montello, reconhecendo que há “essencialidade política nas Academias”, e Machado de Assis afirmando: “Na Academia (a política) é o sentimento mais ativo de todos e a ABL, graças ao seu quociente de mortos,

jamais foi uma academia morta. Os abençoados mortos deram-lhe a mais preciosa das vidas — a vida eleitoral”.

A política, assim como em relação a outros de nossos confrades, deu a Marco Maciel boa oportunidade para ouvir o povo, conhecer-lhe as agruras, acumular experiências que se converteram também nas palavras dos seus textos, onde o político adota maior assunção de responsabilidade, em lugar de reclamar os seus direitos.

A ação política não é “em grande parte palavra — tanto a que se diz e a que se cala, como a que se ouve e a que se guarda; a que se imagina ter sido silenciada como principalmente a que se cumpre?”, pergunta José Sarney ao se empossar na Academia Brasileira.

Foi muito bom que Marco Maciel buscasse a nossa companhia, ofertando-nos as conquistas da intensa trajetória no plano político-administrativo. Era natural que, numa hora, escutasse saudações de chegada numa academia. Essa hora chegou.

O aplicado aluno do Colégio Nóbrega, o redator do jornal **Tic-Tac**, o diretor da revista **Súmula** — aventura editorial, onde estavam juntos o irmão José e os amigos F. Bandeira de Mello e Fernando Menezes —, o estudante de Direito, o professor universitário, o secretário de Estado, o Ministro da Educação, o parlamentar que inclusive presidiu a Câmara dos Deputados, o Governador tinham de chegar aqui. Aqui, por enquanto...

Lá de longe, os símbolos culturais de Pernambuco, em suas matrizes olindenses — a cidade ainda mais alteada em suas colinas —, alegres vêem-no receber estes brasões de prestar. Consentem e aplaudem. Não são eles, tão-somente. Por igual há foguetes no ar vindos de lares humildes, quase mocambos, essas casas enfermas. Pernambuco fica honrado pela escolha que fizemos consagradoramente. O Sertão, o Agreste, a Mata e o Litoral, que Maciel conhece como a palma da mão, batem palmas para ele.

Cheguei aqui o mais moço, o menor de todos. Agora, não sou o mais moço. Continuo pequeno — ainda que gordo —, porém uma vez convidado a saudá-lo, me considero maior que eu mesmo. Igual emoção aconteceu quando presidi a Casa de Carneiro Vilela, dando-lhe as condições de dizer que esta é a mais bela sede de Academia de todo o Brasil, sem esquecer Paulo Guerra, o governador-vaqueiro, benfeitor das nossas letras, e sem escrúpulos ao dizer que o nobre recheio da Casa, foram minha mulher e o acadêmico José de Souza Alencar que começaram a compor com bom gosto, conhecimento e dedicação.

Tingido de certa distância, recordo as nossas conversas nas ruas Afonso Pena e Dom Manoel Pereira — na casa dos seus pais ou na de Jackson Jatobá e, depois, no jardim da minha casa do Derby, ao passar para o seu trabalho na Faculdade de Odontologia; as competentes aulas de mestre Potiguar Matos e do padre Lamego (a quem chamávamos, por brincadeira, de padre Xamego); o tempo intenso da política universitária; o velho PSD de José Maciel e, também, em nível municipal, de Antônio Vileça; as saudades

pernambucanas que nós saramos um no outro, em Brasília, a afinidade com o Direito Internacional; a rivalidade Náutico X Santa Cruz; a expressão “xará” com que nos tratamos; a amizade consistente e crescente de nossas famílias. Tudo isto emoldura o que lhe digo agora.

Ainda não estamos nós dois, de todo, nos longes da saudade. Nem, penso eu, somos daqueles que, chegando aos cinqüenta não podendo dar maus exemplos, dão conselhos.

Disse, há pouco, que aqui não sou mais o delfim. Frederico Pernambuco me tomou o posto. Na Bandeira, ainda o sou. E também é de Pernambuco o decanato, ocupado por Barbosa Lima Sobrinho.

Mas, como lhe disse, estamos a caminho da semi-provectude. Não se inquiete com a calva luzidia, que as lâmpadas dos cinegrafistas tanto ressaltam, para desconforto de Gisela e de Maria Christiana. D’Annunzio, quando um de seus admiradores se espantou por ser o poeta tão calvo, respondeu firme:

— A erva não cresce na cratera.

E tinha razão. A Marco Maciel, como intelectual, foi reservado o esplendor da ação, de uma maneira muito natural, e que teve sempre o aval dos conterrâneos. A ponto de às vésperas da sua indicação ao Governo do Estado, um poeta popular ter intuído o seguinte, na “Academia-Anexa”, do nosso Paulo do Couto Malta, sob o desafio de glosar o mote, *Se não for o Maciel, é uma zebra legal*:

“Se não for o Maciel
É uma zebra legal
Escolham seja quem for
Podem fazer um contrato
Mas eu tenho um candidato
Para ser governador
É um jovem de valor
É de valor integral
Do sertão à Capital
Desempenha seu papel
Se não for o Maciel
É uma zebra legal”

EDUCAÇÃO E CULTURA

Muito aprecio a postura que tomou, em particular ao tempo de Ministro da Educação, na defesa da idéia de interar educação e cultura. São palavras suas:

“A educação é uma verdadeira interiorização da razão. Nela se conjugam admiravelmente os valores da tradição e do progresso, visto que por ser capaz de receber a herança dos seus antepassados, de compreendê-la e assimilá-la, é que o homem se capacita a melhorá-la e desenvolvê-la”. E mais adiante, no mesmo livro **Educação e Liberalismo**, endossa a visão da cultura

não apenas como conceito amplo, mas, de abrangência, onde consideram-se tanto os bens móveis e imóveis plenos de valor histórico e artístico, quanto os bens de produção cultural. Desde então é possível partir para uma política de desenvolvimento do fazer cultural de uma gente.

Jean Lacroix acredita que a humanidade se funda no dever que cada um tem de transmitir aos vindouros aquilo que recebeu dos antepassados — e aperfeiçoá-lo.

São exercitações do tempo trívio de que falou com sabedoria — sabedoria, de sábio —, Gilberto Freyre.

Marco Maciel acredita na cultura como fonte de criatividade, dinamizadora da sociedade moderna, reordenadora dessa sociedade no sentido, inclusive, da superação de crises. É o passado funcionando como ponto de referência e não como algo a ser repetido.

O futuro, creio, fica desdobrado em três momentos: *o futuro passado*, aquele que, imaginado, não aconteceu; *o futuro presente*, o que hoje vem sendo concebido para o amanhã; *o futuro futuro*, aquele que ainda não formamos. Para enfrentar esse *futuro* uma senda está aberta; se não a seguirmos ninguém esperará por este “país do futuro”: a senda do conhecimento.

As marcas digitais do entendimento tentacular do conhecimento — educação, cultura, ciência, tecnologia — o nosso novo acadêmico cunhou ao tratar ou ao dirigir como sendo de convergência essas áreas específicas da administração, em forma muito própria. E mereceu de Jorge Bornhausen, no prefácio de **Educação e Liberalismo**, este exato destaque:

“Fiel a uma postura liberal que corresponde às suas idéias e ao seu próprio modo de ser, o autor deixa a marca desta posição de princípios na definição dos problemas educacionais e de suas possíveis soluções, a começar pela rejeição de quaisquer uniformidades impostas de cima, empobrecedoras da iniciativa e da criatividade dos cidadãos e, por isso mesmo, avessas ao espírito democrático. Neste sentido, advoga, com firmeza, o princípio da liberdade de ensino, indispensável à manutenção de uma sociedade que é e quer continuar a ser pluralista.”

A Academia Pernambucana de Letras vai lhe dar aliciente oportunidade de alongamento das reflexões sobre temas culturais, abrigada no pátio do “inequívoco sentimento cívico”, que desde a fundação vem forjando esta Casa. Este julgamento é seu e o extraí do seu livro **Vocação e Compromisso**.

Nas academias, é lição de Alceu de Amoroso Lima, são de duas ordens as funções — de tradição, de manutenção do que ficou de bom e merece preservação; e de criação, de renovação da cultura. Por isso tem razão Evaristo de Moraes Filho, que diz em seu notável discurso de posse na Casa de Machado: “Na verdade a academia não dá nem tira talento a quem quer que seja... A academia afinal de contas, são os próprios acadêmicos, em sua diversidade de temperamentos e vocações. Como um corpo poroso, nunca opaco, aberto

a todos os gêneros literários do país: da poesia, da ficção ou do ensaio... A academia é aquilo que os acadêmicos fazem dela..."

O Brasil precisa de investir na Cultura, carece dos que se dediquem a ela, merece que nos aconteça uma espécie de Renascimento.

Para tanto a academia conta com a sua participação. Não lhe faltam as qualificações e não lhe faltam os sofrimentos em desafios superados. Regue as nossas raízes, Dr. Marco Antônio Maciel. Foi em função desta constatação que Carlos Castello Branco prefaciando-lhe, **Idéias liberais e a realidade brasileira**, astutamente, diz em certa altura:

"... este livro, que alia pensamento e proposta de ação, conforme o estilo desse senador que, ainda jovem, já foi presidente da Câmara dos Deputados, governador de Pernambuco, ministro de Estado e presidente de partido. Para quem nasceu no Nordeste, desfavorecido pelos desequilíbrios regionais que discriminam também seus filhos, excluindo-os da disputa pelo poder nacional, isso é quase uma biografia completa. Pelo menos até que ideais como os que ele sustenta tenham alterado a fisionomia da política brasileira."

Ficam muito bem explicadas as emoções de homem, de nordestino, de amigo deles, quando dos seus discursos à memória de Gilberto Freyre e de Luiz Gonzaga, brasileiros tão complementares no jeito com que amaram o chão de província, em expressão provincial nada provinciana.

Em Gilberto Freyre ressalta Maciel:

"Seu nome, quase mítico, é sinônimo de trópico, de sol, de um pertinaz e abrangente trabalho criador, obsessivamente voltado para a instauração de uma nova leitura do Brasil, pela qual o nosso País pudesse, enfim, identificar-se a si mesmo no encontro de suas raízes."

Já em Luiz Gonzaga, destaca:

"A música telúricamente nordestina de Luiz Gonzaga, antecipadamente precursora da música popular brasileira, é assim algo que, embora não possa ser entendida como música engajada, "uma denúncia de protesto"; é, contudo, politicamente comprometida com a busca da solução regional nordestina, com o perseguir para o nosso País de um desenvolvimento nacional mais homogêneo — sem distorções, mais orgânico, menos injusto, portanto.

.....
Gonzaga era um telúrico sem ser provinciano, pois o telurismo é manter-se gassetianamente preso às circunstâncias locais sem perder a visão das questões nacionais ou até internacionais. Tampouco se pode confundir telurismo, regionalismo com separatismo, pois isso seria negar a grande aspiração à unidade nacional que pressupõe a integração inter-regional."

Tudo assim aparece, concordo vivamente, porque aprendemos a respeitar os diferentes contextos culturais que nos compuseram em brasileiros. Ensina Gilberto Freyre: “A unidade brasileira é do que se nutre para ser o espantoso fenômeno sócio-econômico que é da diversidade de regiões — Brasil no plural — que se interpenetram, completando-se no Brasil, no Brasil singular”.

CADEIRA ECLESIAÍSTICA

A cadeira que lhe confiamos é de forte acento eclesiástico. Como lhe ficam bem companhias de um Frei Leandro, de um Monsenhor Severino Nogueira! Sua convicção religiosa é exemplar. Sua formação, uma apoteose, cristocêntrica de serenidade e conhecimento. Apreciam-na de congregados marianos a agnósticos.

Desconfio que se houvesse escolhido o sacerdócio, hoje o saudaria assim:
Dom Marco Antonio, Cardeal Maciel.

Imagino, só por provocação, o brilho nos Concílios, as articulações nos corredores do Vaticano, o contributo espiritual à redação das Encíclicas, a oportunidade do solidéu e a impossibilidade da tonsura, tudo encimado pelo exemplo das virtudes teológicas e cardeais, entre outras de que eu, filho de ex-seminarista, coitado de mim, não lhes sei os nomes.

Mas foi bom que Deus o tenha destinado para ser pai de família, grande pai de família. Foi muito bem!

Em verdade, em verdade a todos digo que fascina a sua postura de católico. A sua Igreja é a da mão estendida, a do amor. Não posso, jamais, imaginá-lo em atitudes de intolerância, de má vontade, afastando fiéis, sem dialogar com paroquianos, sem compreender sentimentos de jovens, desalento aos motivos dos mais velhos, marginalizados sonhos familiares de sadia construção, ignorante dos serviços prestados por membros da comunidade, encarado de preconceitos, confundindo arte com lascívia, como os mentecaptos que cobriam corpos nus em pinturas de museus, confundindo a sua mente com as telas.

Não. Não e não.

A sua Igreja é a que tem *éclat*. Não é a distorção da Igreja. Não atemoriza, não estimula diáspora, não escurece, não separa.

E digo provando:

Marco Maciel conseguiu que João Maurício se formasse na boa trilha da prática católica, a partir de uma semi-insubordinação do filho caçula.

O caso foi o seguinte: um domingo, o pai chama a família para a missa. Todos se preparam e o garoto João Maurício, impassível, anuncia:

— Não vou.

— Por que, João?

— Não fui convidado. Mamãe me disse que não se vai a um lugar sem ser convidado.

Marco Maciel arranhou-lhe um convite. Convite permanente.

Praticou a diáspora ao contrário. O emblemático comportamento merece ser seguido.

Mas como identificar o balizamento da conduta de Marco Maciel sem os pais, dona Carmem e Dr. Maciel, e a mulher Anna Maria, a admirável Anna Maria?

Josué Montello me observou, certa ocasião, que Heine estava certo ao reconhecer que o escritor, em casa, precisa contar com o silêncio, da companheira. O político, também, digo eu. Não só do silêncio mas da palavra que não o quebrando, ajude na hora polêmica; que não o violando, seja a confiança ante tropeços de vida.

E Anna Maria nunca faltou.

E o pai?

O filho mesmo pode explicar, como neste texto:

“E no seu exemplo (do pai), aprendi a identificá-la (a política) como uma síntese de desprendimento e coragem, conhecimento e ação, de ousadia e prudência, de inteligência, discernimento e responsabilidade.”

Já de dona Carmen quero contar cena estupenda, daquela conversa do coração de mãe, a desfibrar fibra por fibra.

Era época de vestibular para a Faculdade de Direito. Muita queima de pestana. Madrugadas de olho aberto. Alegrias adiadas. A casa repleta de colegas para estudos em grupo, desatentos à alimentação e concentrados nos livros. Ele fugindo de dona Carmem. Ela implora, sem sucesso, que tome, pelo menos, um copo de leite. Vencida, desabafa:

“Quando passar o vestibular, vou tomar conta da alimentação deste menino.”

Ao que parece, o vestibular continua...

Acadêmico Marco Maciel:

O final do seu importante discurso de posse é um ato de fé, aquela operária de todas as vitórias, a que se referiu Nilo Pereira. A fé, o povo, o sol das praças são as derradeiras imagens de sua fala.

Pois bem, à maneira da recordação que dias atrás fez no jornal **O Globo**, “Lembra-vos de 22”, também devo lhe dizer que esta sua nova Casa comunga dessa fé e dessa esperança.

O Brasil confia, ainda que esteja tão dessagrado, tão despossuído, tão carunchoso, nos seus filhos, nos seus líderes. Se hoje já não temos heróis pelo menos que nos protejam os líderes, no esforço de olhar para os humildes destinos dos que deslizam em nosso derredor.

Bernard Shaw dizia que só temos tempo bastante para pensar no futuro quando já não há futuro em que pensar.

Então, cuidemos. Não consintamos que a oportunidade vá fluindo lentamente como o tempo dos meninos. Há que vigiar o amanhecer. É preciso

buscar novas alvoradas, poente não tem intimidade com o futuro. A caquisto-
cracia não é o nosso destino.

Senhor Presidente,
Confrades,
Senhoras, Senhores,
Dileto companheiro Marco Maciel:
Vida que segue.
Para Vinicius de Moraes, em pessimismo:

“Tem dias que eu fico
Pensando na vida
E sinceramente não vejo saída
Pois é: a vida tem sempre razão
Pois é: a vida é que está com razão.”

Para Drummond, em conformismo:

“Êta vida besta, meu Deus.”

Mas Olavo, Zagueiro do Olaria, do Rio de Janeiro, na década de 60,
ainda que de um time perdedor, só enxergava otimismo. É dele a frase:

“Tudo *fazemo* pela vitória.”

Eu, me segurando nos comigos de mim, sugiro-lhe: fique com Olavo.

***Discurso do Governador Joaquim
Francisco, de Pernambuco, em
homenagem ao Acadêmico Marco
Maciel.***

O povo, como disse Marcos Vilaça, está lá fora, não só aqui no pátio da Academia. Está nas praças, Marco Maciel está nas ruas, no sertão nos vários Brasis, a reconhecer a hora e o momento certo. Você, Marco, pela sua vida de homem integralmente dedicado à coisa pública já merecia e merece ingressar na Academia Pernambucana de Letras.

Ouvi atentamente o que disse, repetindo trecho de Andrade Lima, quando ele se referiu ao Professor Severino Nogueira, o nosso sacerdote Severino Nogueira. E Andrade Lima disse: “Severino não cresceu por fora, cresceu por dentro”. Marco Maciel cresceu por fora e cresceu por dentro.

Portanto, merece.

E Marcos Vilaça disse que a sua preocupação com o político e com o intelectual não é só o sentido de estar certo. Você tem procurado sempre, e dou aqui o meu testemunho, estar certo na hora certa.

Em nome do povo de Pernambuco eu gostaria de parabenizá-lo e em meu nome pessoal por ter tido a honra de em tantas e tantas caminhadas ao seu lado, sempre aprendendo, sempre utilizando os seus ensinamentos e, sobretudo, o ensinamento da sua conduta, da sua maneira de ser, o político dedicado única, e exclusivamente, ao engrandecimento da causa pública.

Eu não poderia deixar de registrar aqui a minha satisfação e pedir permissão ao caro primo João Cabral de Mello Neto quando ele diz: “O difícil não é traçar no papel, é traçar na vida”. Você traçou na vida e no papel.

Parabéns, Marco Maciel.

